





À M<sup>me</sup> Com<sup>te</sup> & Sr<sup>te</sup> Miguel Maria Lisboa

En signal de amizade  
offrece

D. J. G. de Magalhães.

Vienna, 1. de Novembro de 1864.

## Obras impressas do mesmo Auctor.

- Poesias.** 1 V. Rio de Janeiro, 1832.
- Suspiros Poeticos e Saudades.** 1 V. 2ª edição correcta e augmentada. Paris, 1859.
- Antonio José, ou o Poeta e a Inquisição,** Tragedia em 5 Actos. Rio de Janeiro, 1839.
- Oglato.** Tragedia em 5 Actos. Rio de Janeiro, 1841.
- A Confederação dos Tamoyos,** Poema épico em 10 Cantos. Rio de Janeiro, 1857.
- Os Mystérios, Canticos Funebres.** Paris, 1858.
- Factos do Espirito Humano.** Philosophia, 1 V. em 8º. Paris, 1858.
- A mesma obra, traduzida em Francez por Mr. Chansselle com o titulo — *Faits de l'Esprit Humain.* Paris, 1859.
- Discurso sobre o objecto e importancia da Philosophia.** Rio de Janeiro, 1842.
- Memoria historica e documentada da Revolução da Provincia do Maranhão de 1839 a 1841.** Premiada pelo Instituto historico do Brasil, e impressa na sua Revista Nr. 11 de 1848.
- Os Indigenas do Brasil perante a Historia.** Memoria impressa no tomo XXIII da Revista do Instituto historico do Brasil, 1860.
- Amaucia.** Romance publicado na Minerva Brasileira, 1844.
- Philosophia da Religião.** Estudos sobre a Historia litteraria do Brasil, publicados no Nieteroy, Revista Brasiliense Paris, 1836.



---

VIENNA.

IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1862.

---

**URANIA**

DE

**D. J. G. DE MAGALHAENS.**



**RIO DE JANEIRO**

**B. L. GARNIER**  
**RUA DO OUVIDOR Nº 69.**

**1862.**



## Á URANIA.

O mais ardente amor, o amor mais puro  
Que o céo póde infundir n'um peito humano,  
Abrasa o coração, que a ti votado  
Seus íntimos suspiros te consagra.  
Arroubado por ti, por teus encantos,  
Que á belleza ideal me transportaram,  
Só para ti cantei, como eu sentia,  
Como amor me inspirou. Os louros cedo  
Do amoroso cantar a quantos queiram  
Na lyra modular ternas blandicias,  
Mas na força do amor supero a todos.



---

# URANIA.



## I.

### O ANAGRAMMA.

**D**os vates a antiga usança  
Quiz respeitoso seguir,  
Ensaando em anagramma  
Teu doce nome exprimir;  
Mas a mente emvão se cança,  
No desejo que me inflamma  
Nada me vem acudir.

Não desistindo da idéa,  
Volto a ella sem cessar ;  
Diversos nomes invento,  
Sem nenhum poder achar,  
Que seja nome de d'ca,  
E se preste ao meu intento,  
Sem o teu muito occultar.

Vendo alfim que não podia  
Teu anagramma fazer ;  
Que quantos eu inventava  
Nada qucriam dizer ;  
Uma idéa á phantasia,  
Quando eu já nada esperava,  
Me veio emfim soccorrer.

Foi idéa luminosa,  
Direi quasi inspiração,  
Pois que senti de repente  
Palpitar-me o coração.  
Sua força imperiosa  
Foi tal, qu'eu obcdiente  
Dei-lhe prompta execução.

De papel em uma fita  
Teu lindo nome escrevi;  
Pondo as letras separadas,  
Co a tesoura as dividi.  
Cada sôlta letra escripta  
Enrolei, e baralhadas,  
N'uma caixinha as metti.

Tudo ao acaso deixando,  
Da sorte o cofre agitei;  
E tirando-as de uma em uma,  
Uma após outra as tracei.  
Oh prodigio! Oh pasmo! Quando  
Esta maravilha summa  
De um mero acaso esperei?

Já Urania — escripto estava!  
Foi Amor quem o escrevêo!  
Não, não foi obra do acaso;  
Teu nome veio do céo!  
Aquelle -já- me ordenava  
Que da Urania do Parnaso  
Fosse o nome agora teu.

Que para mim renascida  
A Musa Urania serás.  
Que ao céo e a Deos minha mente  
Tu sempre levantarás.  
Musa real, não fingida,  
Unida a mim ternamente,  
Celeste amor me terás.



## II.

## HYMNO AO AMOR.

**A**mor! Substancia e vida, eterna essencia  
D' aquella alta, invisivel Potestade,  
Principio da existencia.

Eras em Deos de toda a eternidade;  
E querendo Deos ter a quem amasse,  
Enchêo a immensidade!

Por ti fez que o Universo se librasse  
Nos espaços sem fim, e da harmonia  
Ás leis jamais faltasse.

A attraecção é o amor do Ser que cria,  
Que assim como criou, assim sustenta  
Quanto de si radia.

Por ti o homem nasce, e se alimenta,  
E nos braços maternos tenro infante  
Sorri-se, e se acalenta.

Por ti suspira o coração amante,  
E no valle da vida e da amargura  
Te almeja a cada instante.

Por ti a virgem mais honesta e pura  
Se abrasa sem querer, mas attrahida,  
A quem attrae procura.

Por ti renasce a todo instante a vida,  
Nos píncaros fragosos, e dos mares  
Na profunda guarida.

Por ti as aves, devassando os ares,  
Mausão voluvel de invisiveis entes,  
Cantam após seus pares.

Por ti balam os anhos innocentes,  
Bramam as feras, os reptís se arrastram,  
E sylvam as serpentes.

Por ti crecem os bosques, e se ennastram  
De parasitas mil, de multi-flores,  
Que tambem por ti lastram.

Por ti do sol aos fulvos resplendores,  
E da noite ao luar, vertem os prados  
Balsamicos odores.

Por ti ha vida em areáes torrados,  
E no crystal das fontes, e no lodo,  
E nos pólos gelados,  
E em toda parte, e no Universo todo

---

Tudo de Amor está cheio!  
Elle é o Deos Criador!  
De Amor a vida nos veio!  
Tudo brada — Amor! Amor!

Vácuo não deixa em toda a immensidade  
A Força criadora;  
Tudo penetra, e se revela em tudo,  
Da harmonia geral lei e motora.

Sobre a pyra odorosa,  
Á luz do sol ardendo,  
A Phenis fabulosa  
De suas proprias cinzas renascendo  
Nas chammas em que busca a morte e a vida,  
É uma imagem fida,  
Um simbolo da bella humanidade;  
Que de Amor pela força poderosa  
Renasce a cada instante,  
E em perenne, e continua mocidade,  
Sem parar, sobre a terra sempre ovante,  
Caminha ao seu destino,  
E apregôa o poder do Amor divino.

Quem senão o Amor gera a virtude,  
A caridade inspira,

E doma o peito do selvagem rude.  
Que pela liberdade só suspira!

Quem senão o Amor os homens liga  
    Em fraternal amplexo,  
Em sancta sociedade, em doce nexo,  
Que a todos assegura melhor sorte,  
E onde a Rasão, que a mais amor obriga,  
Como n'um throno glorioso e forte,  
    A sua luz derrama,  
    E assoberbando a morte,  
Da justiça immortal as leis proclama?

Maravilha de Amor é a sciencia,  
Bello fructo da sua omnipotencia!

Tudo de Amor está cheio!  
Elle é o Deos Criador!  
De Amor a vida nos veio!  
Tudo brada — Amor! Amor!

E o que fazem os Anjos cantando  
Nesse Dia perpétuo, eternal?  
Stão de Amor os mysterios louvando,  
Stão amando o Amor immortal.

E o que faz sobre a terra o poeta,  
Que inda o mundo o conhece tão mal?  
A suprema harmonia completa,  
Como um echo do Amor immortal.

E o que diz do Universo a harmonia,  
A belleza, e a luz perennial?  
Que sem Deos nada disso haveria;  
Que esse Deos é o Amor immortal!

Tudo de Amor está cheio!  
Elle é o Deos Criador!  
De Amor a vida nos veio!  
Tudo brada — Amor! Amor!

Amor! tudo brada  
Na terra e no céo,  
Nos ares,  
Nos mares,

No abysmo ~~do~~ nada,  
Que a Força ineriada  
De seres enchêo!

Amor! tudo brada  
No peito, na mente,  
Na voz eloquente,  
No olhar mavioso,  
No aspecto garboso,  
No almejo constante,  
Do ente pensante,  
Que infuso do bello  
Tem n'alma o modello:  
E sente, e conhece  
Que Força o aqueec.  
Quem vida lhe dêo!

Amor! tudo brada!  
E esta alma, que outr'ora  
De Amor olvidada,  
    Sozinha,  
    Mesquinha.

Carpindo seus males.  
Por montes e valles,  
Tão triste gemêo :  
Agora arroubada,  
Não geme, não chora,  
Mas toda abrasada  
De Amor que a roborá  
As azas desata,  
No céo se dilata,  
E canta, e respira,  
E ama, e suspira  
Ao som desta lyra  
Que Amor aquecêo !  
Amor! tudo brada  
Na terra, e no céo.  
O Deos criador  
É Amor! É Amor!

---

## III.

## A APPARIÇÃO.

Alto saber proclama a Natureza,  
Proclama alto poder  
D'aquella Eterna Fonte de belleza  
Que brilha em todo ser.

O tempo perennal seu nome entôa :  
Adonai! Adonai!  
E no espaço infinito onde resôa,  
Do nada a vida sai!

E quanto a vasta immensidade encerra

O louva sem cessar;

O dia, a noite, o céo, o mar, a terra

O hão de sempre amar.

Ah! quem não ha de amal-o? Elle é a vida,

Elle todo é Amor!

Amal-o, amar-nos, — eis a lei querida

Do invisivel Senhor!

E por tudo que eu via o adorava,

Que Elle tudo criou;

Mas, por mais um prodigio eu esperava:

E um Anjo a mim baixou.

Um Anjo parecêo-me que descia

Da celica mansão,

Tanto seu divo aspecto me infundia

Amor, e devoção.

Nunca tão pulchra, em todo o firmamento,

Estrella reluzio;

Nunca tão bella, sobre o salso argento,

Aurora resurgio!

Nunca em visão poetica arroubado  
Delicia igual senti,  
Como nesse momento afortunado  
Em que seu rosto vi.

Absorto vi seu rosto peregrino,  
E o seu rosto — era o teu!  
Sim, era o teu! — E que outro mais divino  
Me mostraria o céu?

Em que outros olhos d' alma a formosura  
Verei assim luzir?  
Em que labios tão lindos a candura  
Terá igual sorrir?

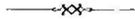
Que flauta eburnea, que cantor ethéreo  
A tua voz terá?

Mais suave que a d' harpa e a do salterio,  
Vida essa voz me dá!

Então bradei: Oh Deos, basta o que vejo;  
Teu poder é sem fim!  
Para elevar-me a ti como desejo,  
Basta este Seraphim!

Urania! Eis o seu nome! Oh venturoso,  
Venturoso o mortal  
Que souber merecer terno e amoroso  
Por premio um bem igual.

Premio! Premio de que? Não; tal ventura  
Em premio não se obtem.  
É um favor, é dom, é graça pura,  
Que só do céo nos vem.



## IV

## A VISÃO.

Como tranquilla a noite,  
E o céu de estrellas cheio,  
Em doce devaneio,  
Convida a meditar!

    Como minha alma sôta,  
Nos ares vagueando,  
N'um sonho grato e brando  
Parece delirar!

Por entre essas estrellas  
Toda amorosa vôa;  
E em torno d'ellâ sôa  
Um nome encantador

Em cada sirio éuxerga  
Sempre um divino rosto,  
Que alli parece posto  
Para inspirar-lhe amor.

Esse mellifluo nome  
É o de Urania bella!  
O divo rosto o d'ella,  
Que não me caço em ver!  
Por toda parte o enxergo,  
Porque nesta alma vive!  
Ah! nunca o céo me prive  
De vel-o, até morrer.

## V

## 13 DE AGOSTO.

**H**oje ao mundo abri os olhos;  
Antes nunca eu os abrisse;  
Antes meu ser se extinguisse  
No momento em que nasci;  
Ou então morto caísse  
A seus pés, quando eu a vi.

Que triste foi minha infância,  
De mil dores rodeada,  
Tão mofina e amargurada,  
Que como vivo não sei.

Desde a infancia mallograda  
A soffrer me habituei.

Sempre em profunda tristeza  
Meus dias se vão passando,  
E a todos vou perguntando:  
De que me serve viver?  
Que annos tão longos! quando  
O derradeiro hei de ver!

Vãs esperanças nutrindo,  
Com ellas me consolava;  
Minha mente então sonhava  
Um porvir encantador;  
Isso ao menos acalmava  
A força da minha dor.

Eu me dizia: algum dia  
Ha de mudar-se o meu fado;  
Não serei tão desgraçado  
Que a soffrer só viva assim;  
Algum peito apiedado  
A meus males porá fim.

Mas nem sequer doce engano  
Colora a triste verdade ;  
A minha infelicidade  
Desde o berço começou ;  
Não mereço a piedade  
Daquella que me encantou.

Só uma virgem pôdia  
Pôr fim á minha amargura,  
Romper a nuvem escura  
Que me envolve o coração.  
Só ella! Minha ventura  
Hoje está na sua mão.

Senhora do meu destino,  
Só ella póde aditar-me,  
E á doce vida chamar-me  
Co' um doce sorriso seu.  
Bastára um sorriso dar-me  
Para que feliz fosse eu.

Mas, oh céo, de longe fallo,  
E nem sequer sou ouvido;

Como serei attendido  
Si lhe não digo o meu mal?  
Mas temo ser repellido  
Pelo destino fatal.

Sabe ella acaso si existo,  
Si por ella só padeço?  
Si seu amor lhe mereço,  
No meu occulto penar?  
Urania, dize, eu te peço,  
Cres-me digno de te amar?



## VI.

## A VOZ CANORA.

**E**m quanto sóltas  
A voz canora,  
Que canta e geme,  
Suspira e ehora,  
Eu. attrahido por tão mago encanto,  
Em sileucio tambem suspiro é canto

Canto a ventura  
De estar-te ouvindo,  
E de estar vendo  
Teu rosto lindo;  
Mas suspiro de amor, sentindo a chamma  
Com que teu rosto e tua voz me inflamma.

Ah! como posso  
Não adorar-te,  
Si ao céo aprouve  
Tanto adornar-te ?  
Ver-te, ouvir-te, é perder a liberdade,  
É amar-te por força e por vontade.



## VII.

## OS OLHOS CHOROSOS.

**P**orque chorais, tristes olhos,  
Tão cansados de chorar?  
Quem vosso pranto motiva.  
Ah! não vos ha de enxugar.

Emvão lagrimas de sangue,  
Nascidas do coração.  
Mostrassem sobre o meu rosto  
A minha interna afflicção.

Suspendei o amargo pranto:  
Suspendei, que a vossa dôr  
Não póde n'um peito frio  
Inspirar fé, e amor.

Mas si um destino de ferro  
Vos obriga a que choreis;  
Então chorai, tristes olhos,  
Até que enfim estaleis.



## VIII.

## O DESTINO.

**P**orque nasci? Porque vivo?

Quem me fez tal como sou?

Porque só a bella Urania

Esta paixão me inspirou?

Porque antes fui insensivel

Da formosura ao poder?

Porque vi tão lindos olhos

Quasi sem nada soffrer!

Porque só por ella agora

É que devo suspirar?

Porque este amor tão intenso

Não me é dado suffocar?

E posso crer que sou livre  
Si de mim não sou senhor?  
Si assim me vejo sujeito  
Sem querer ás leis de Amor?

Tenho pensado: — é destino ;  
Sobre mim pesa uma lei.  
Ai de mim ! serei ditoso,  
Ou desgraçado serei ?

Esta lei me obriga a amal-a,  
E a ser-lhe sempre fiel,  
Quer ella aceite meus votos,  
Ou quer se mostre cruel.

Seja qual for meu destino,  
E seja qual for o seu,  
Meu coração será d'ella,  
D'ella, que só o vencêo.



## IX.

## NÃO SENTES TU AMOR ?

Quando em noite serena o céo contemplas  
Em todo o seu fulgor,  
E te engolphas dos astros na belleza,  
Não sentes tu amor ?

Quando em fresca manhã de um dia estivo,  
Ou do sol ao transpor,  
O horizonte rutila aureo-purpureo,  
Não sentes tu amor ?

Quando de tarde, em teu jardim vagando,  
Vês a roseira em flor ;  
E um botão que mais lindo desabrocha,  
Não sentes tu amor ?

Quando o subtil colibri flammejante,  
Qual chamma multicolor.  
Suspenso frue o mel da flor que beija,  
Não sentes tu amor?

Quando na selva, ao murmurar do rio,  
Um alado cantor  
Com seus gorgeios teu ouvido afaga,  
Não sentes tu amor?

Quando tudo o que é bello na Natura  
Exalta o Criador,  
E olhos, ouvidos, coração te ameiga.  
Não sentes tu amor?

E o que queres que eu sinta, quando vejo  
Teu rosto encantador?  
Sinto o que a todos a belleza inspira,  
Sinto amor, só amor!

## X.

## A BORDA DO MAR.

**D**a noite o véo cinzento  
Envolve a natureza,  
E cobre de tristêza  
O céo, a terra, e o mar.

Apraz-me aqui sentado  
Ouvir o mar que bate  
Na praia, que o rebate,  
E o fórça a recuar.

A vaga sonora,  
Na areia que branqueja,  
Como que humilde beija  
A mão que a faz parar.

Myriadas de estrellas  
No calmo céo rutilam;  
Myriadas scintillam  
Das ondas no rolar.

E a lua, que se espelha  
No golpho crystalino,  
Um rastro diamantino  
Lhe estende em seu olhar.

Ligeira barca ao longe  
Apenas se annuncia  
No trilho de ardentia,  
Que deixa em seu passar.

Ouçõ o bater do remo  
Monótono, e pausado,  
E o canto do coitado  
Que alli vai a remar.

Da briza nas refegãs  
Que veem aos meus ouvidos,  
Em echos repetidos :  
Amor! — Ouçõ exclamar.

Amor! — Bem claro sôa,  
Amor e captivoiro.  
De amor canta o barqueiro,  
Do pégo ao convulsar.

E como solitario  
É triste esse lamento,  
Ao susurrar do vento,  
Nas ondas, e ao luar!

E eu que aqui sozinho,  
Escuto o mesto canto,  
Reter não posso o pranto,  
Que sinto borbulliar.

É qu'essa voz chorosa  
Que sôa sobre as aguas,  
As minhas proprias mágoas  
Parece relatar.

Como esse peito anciado  
O mesmo affecto exprimo;  
E gemo, e me lastimo  
No meu vago scismar.

Amor aqui me trouxe,  
Que bem sabe elle aonde  
A scena corresponde  
Ao seu atribular.

Saudoso agora, Urania,  
Daqui meus ais te envio;  
E aos ares os confio,  
Que os hão de a ti levar.

Escuta enternecida  
O canto que te mando,  
De longe, desejando  
Ao lado teu cantar.



## XI.

## O EXTASE.

Que importa que digam qu'ella é criatura  
Humana e mortal,

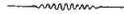
Si um Anjo parece descido da altura  
De um mundo ideal?!

Um Anjo a meus olhos ostenta-se a bella,  
Que extatico eu vi;  
E desde esse instante sou d'ella; e só ella,  
Só ella está aqui!

Aqui, neste peito, por ella abrasado,  
Tão cheio de amor;  
Aqui, neste peito, altar consagrado  
A tanto fulgor.

Que importa que digam, que a bella passando  
Nem vio meu olhar,  
Pasmado, attrahido, e só procurando  
Seu rosto encontrar?!

Que importa?! Hei de amal-a, assim como eu amo  
A lua sem véo,  
A aurora sem névoa, e o terno reclamo  
Das aves do céo.



## XII.

## O PODER DA BELLEZA.

Amor se vinga,  
Vinga-se irado;  
Por ver-me sempre  
Tão altanado  
Zombar da força  
Do seu poder.

No meu orgulho  
De homem sisudo,  
Dizia affouto,  
Que por estudo  
Podia exempto  
De amor viver.

Que de seus olhos  
Não tinha medo ;  
Que a sua chamma  
Era um brinquedo :  
E a pôl-a em regra  
Basta o querer.

Que os seus encantos  
Taõ celebrados,  
Eram desculpas  
Dos desgraçados,  
Que se deixavam  
Faceis vencer.

Que essas venturas  
Que promettia,  
Eram falacias  
Da poesia,  
Que se deleita  
No encarecer.

Mal feito achava  
Que egregios vates  
Gastassem versos

Em disparates.  
Vejam que cousas  
Ousei dizer!

Por taes blasphemias  
Fui bem punido;  
N'um lance d'olhos  
Fiquei vencido.  
Foi só bastante  
Um rosto ver.

Porêm que rosto,  
Que nobre aspecto,  
Que formosura,  
Que raro objecto,  
Que olhar tão meigo  
Que faz morrer!

Assim comprehendo  
Que amor vencesse!  
E até já gósto  
Que me fizesse  
Seu grande imperio  
Reconhecer.

Eu não sabia  
Que a natureza  
Tão grande força  
Dera á belleza :  
A bella Urania  
Mo fez saber

Si ha quem não ame,  
Como eu outr'ora,  
Ah! não blasone;  
Espere a hora,  
Que vem de assalto,  
Quando Deos quer.



## XIII.

## O VALOR VENCIDO.

**D**e espada ao lado, a retinir nailharga  
De fofoso ginete;  
Exposto o peito á perfida descarga  
De escondido mosquete;  
Dias, noites andei entre soldados,  
Por campos de rebeldes infestados.

Armado de improviso cavalleiro,  
Entre os fortes fui forte.  
Ao lado de um heróe, eu, não guerreiro.  
Como elle expuz-me á morte;  
E apezar de marchar entre inimigos,  
la zombando, sem temer perigos.

Tambem no vasto mar, n'um fragil lenho,  
Vi quasi noite o dia,  
E o vento arrebentar n'um céo ferrenho,  
Que inferno parecia:  
E entre os crebros trovões que ribombavam,  
Rubros fuzis nos ares serpejavam.

E o pégo em convulsão, revoltado e inflado,  
Em successivos serros,  
A subir e a descer, todo alquebrado,  
Soltando horridos berros,  
Que mais rumor não fazem mil pellouros,  
Mil leões a bramir, a urrar mil touros.

Ludibrio do tremendo cataclysmo,  
Estranho ao leme e á vella,  
A nave ora no eéo, ora no abysmo,  
Jogada como a pella,  
Que compellida aos ares se remonta,  
E ao cair, outra mão a expelle prompta.

Transido o capitão, seguro ao posto,  
A tormenta affrontava.  
De susto e de terror em mais de um rosto  
A morte convulsava.  
E eu, attento ao sublime da natura,  
Não via aberta a immensa sepultura.

Cheio de assombro por grandeza tanta,  
Só via a Dextra Eterna,  
Que os ventos desferrolha, o mar levanta,  
E a vida e a morte alterna:  
E me exaltava ao ver o peito humano  
Co' a procella lutar no irado Oceano.

Da veneranda Roma entre as ruinas  
De noite me assaltaram  
Punhaes em mãos rapaces, assassinas,  
Que a bolça me roubaram;  
E eu, sem temel-os, lastimava o crime  
De homens corruptos, que a miseria opprime

Em todo trance, a força da vontade  
Sempre oppondo constante,  
Dores curti de acerba enfermidade,  
Com placido semblante.  
Corajoso ostentar-me, estoico em tudo,  
Era o meu pundonor, meu serio estudo.

Mas este coração, robusto outr'ora,  
De nada agora treme;  
Longe de Urania amargurado chora,  
E perto d'ella geme;  
Um gesto o abala, um ar severo o assusta.  
Ah, minha Urania! quanto o amor me custa!



## XIV.

## À MARGEM DE UM ARROIO.

À margem deste arroio  
Venho eu de amor queixar-me;  
Que sem alivio dar-me,  
Amor me faz soffrer.  
Apraz-lhe a voz queixosa  
Do peito qu' elle inflamma;  
E zomba de quem ama,  
Só para ouvir gemer.

E tu, que pareces ouvir-me a chorar,  
Arroio, acompanha meu triste cantar.

Maligno não se farta  
De ouvir os meus clamores,  
E paga com rigores  
O mal que faz soffrer.  
Si tal prazer lhe causa  
Tão longo soffrimento,  
Escute o meu lamento,  
Exulte ao meu gemer.

E tu, que pareces ouvir-me a chorar,  
Arroio, acompanha meu triste cantar.

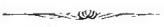
Talvez julgar só queira  
Da minha fé robusta;  
Si eu amo mesmo á custa  
Do que me faz soffrer.  
Pois saiba que eu não canço  
De amar e de carpir-me;  
Si não quizer ouvir-me,  
Ao longe irei gemer.

E tu, que pareces ouvir-me a chorar,  
Arroio, acompanha meu triste cantar.

Irão daqui os echos  
Dos tristes meus gemidos  
Soar em seus ouvidos,  
Contar-lhe o meu soffrer.  
Até que emfim ja farto  
De ver que sou constante,  
Co' um riso em seu semblante  
Premeie o meu gemer.  
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,  
Ver-me-has, oh arroio, risonho cantar.

Ah! tudo o tempo muda!  
E faça o céo que um dia  
De amor a tyrannia  
Eu cesse de soffrer.  
Então á margem tua,  
Arroio crystallino,  
Mudado o meu destino,  
Não mais virei gemer.  
E tu, que pareces ouvir-me a chorar,  
Ver-me-has, oh arroio, risonho cantar.

Então serei ditoso  
Como estes passarinhos,  
Que perto estão dos ninhos,  
Cantando sem soffrer.  
Ao seu festivo côro  
A minha voz unindo,  
Cantai, direi, que é findo  
O tempo de gemer.  
E tu, que parecees ouvir-me a chorar.  
Ver-me-has, oh arroio, risonho cantar.



## XV

## A LEI UNIVERSAL.

No principio era Deos, . . Deos tão sómente!  
 Nem céo, nem ar, nem luz, nem terra havia!  
 E infinitos em Deos o espaço e o tempo,  
     E só Deos os media.

Cheio de amor o Ser unico e eterno  
 Mil, e mil mundos concebêo na mente:  
 Seja! — dice Elle; e mundos mil surgiram  
     Á voz do Omnipotente!

E esses immensos orbos arrojando,  
 Como um punhadô de subtil poeira,  
 Pelos abysmos do infinito espaço,  
     Traçou-lhes a carreira.

Mas apezar das regiões profundas,  
 Em que gyram remotos e apartados,  
 Todos, filhos do amor, mútuos se attraem,  
     Harmonicos ligados.

Criada a terra, á voz de Deos se ergueram  
 Seres que a terra, e o mar, e o ar povoam;  
 A todos fecundou de amor, e todos  
     Sua força apregoam.

Após, da criação remate e sello,  
 Fez Deos o par sublime, que o proclama,  
 Que a Razão e o Universo em sí resume,  
     E pensa, e quer, e ama.

„Crescei, multiplicai, amai-vos, dice;  
 Amor é vossa vida, e o premio vosso.”  
 E desse par feliz o amor herdámos;  
     Amar é dever nosso.

E eu penso, eu quero, eu amo, oh bella Urania!  
 E esses sublimes dons em ti concentro.  
 Tu me absorves e attráes, tu só desta alma  
     Es no Universo o centro.



## XVI.

## UM VOTO.

Sei que o mundo, obra do Eterno,  
É o mundo mais perfeito  
De quantos criar podia  
Esse Deos que o tem sujeito.

Sei que o seu todo revela  
Tanto amor, tanta harmonia,  
Que extasiada se abysma  
A humana Sabedoria.

Sei que ao homem não é dado  
Phantasiar melhor mundo;  
E o que neste um mal parece,  
Talvez seja um bem profundo.

Uma só cousa eu quizera:  
É que os olhos ler podessem  
Nos corações os affectos,  
Que escondidos estivessem.

Satisfeito então, senhora,  
A teus pés eu me prostrára;  
E o sancto amor que me inspiras  
Mudamente se expressára.

E dest' arte nos meus olhos  
Toda a minha alma patente,  
Convencida ficarias,  
E eu orgulhoso e contente.

Mas já que é vão meu desejo,  
Acredita no que digo:  
Por ti gratidão eterna,  
Onde eu for, irá commigo.

## XVII.

## A PREDICÇÃO DA CIGANA.

Quero contar-te um segredo,  
Que minha mãe me contou.  
Mas ólha que tenho medo  
Que me chamem de vaidoso.  
Si o sabe algum invejoso,  
Adeos, que perdido estou.

Nem to digo por vangloria,  
Que não sei si a posso ter;  
Mas porque na minha historia  
Ha um ponto muito obscuro;  
E eu a verdade procuro,  
Que só tu podes dizer.

Minha mãe estava um dia  
Sentada no seu jardim;  
Em seu regaço eu dormia;  
Um anno apenas contava;  
E ella, que me lactava,  
Terna olhava para mim.

Uma cigana passando,  
Na porta esmola pediu;  
A um signal foi entrando  
Para receber a esmola,  
E tendo-a já na saccóla,  
Pasmou assim que me vio.

Não sei si foi por sincera,  
Ou si foi por agradar  
A quem esmola lhe dera;  
O certo é que a cigana  
Mostrou-se com muita gana  
De minha sorte escrutar.

Olhou-me muito a seu gosto,  
Contemplando o rosto meu;  
Depois da inspecção do rosto,  
Tomou-me a bruxa a mãozinha,  
E de preguinha em preguinha  
Todo o meu destino lêo,

E assim dice: — Este menino  
Ha de viver; crie-o bem;  
Que é mui bello o seu destino;  
Ha de ser grande poeta,  
E ha de amar a predilecta  
Como nunca amou ninguém.

„A quem o céo o destina  
Fiel, constante será.  
Leio mesmo em sua sina  
Que o seu amor será tanto,  
Que a todos fará espanto,  
E a Bella immortal fará.”

— E amado será da amada? —

Minha mãe lhe perguntou.

„Póde estar esperançada,

Respondêo-lhe a chiromante;

Poeta, sincero, e amante,

Quem amor ja lhe negou?”

De ser poeta estou perto,

Só ponho o grande em questão.

Sincero amante, isso é certo,

E affirmal-o não duvido.

Quanto ao ser correspondido,

Pergunta ao teu coração.



## XVIII.

## A NATUREZA.

Sim, é bella a Natureza!

E bella a noite estrellada.

É bella n'um céo cinéreo

Da lua a face argentada.

É bello o surgir da aurora

O oriente roseando.

É bello o canto das aves,

A linda manhã saudando,

É bello o sol radiante,

E mesmo o dia sombrio.

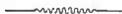
É bello o transpôr da tarde,

E do zéphiro o cicio.

É bello o mar que na práia  
Em flor se quebra e murmura.  
É bello o crystal da fonte  
Que serpeja na verdura.

É bella a floresta virgem,  
E a cascata caudalosa,  
Que entre vapores equóreos  
Se despenha estrepitosa.

O temporal mesmo é bello,  
O trovão, e o raio irado.  
Sim, tudo é bello, e me encanta,  
Quando estou de Urania ao lado.



## XIX.

## O MEU DESEJO.

É tão bella e graciosa,  
Tão mimosa  
Aquella por quem padeço,  
Que lhe offreço,  
Que lhe offreço o coração,  
Alma, vida, e minha mão.

Quando eu vejo a imagem sua,  
Como a lua  
Em noite plácida e calma,  
Sinto n' alma,  
Sinto n' alma a impressão  
Da mais celeste visão.

A sua voz tão cadente  
    Docemente  
Em meu coração murmura;  
    E a ternura,  
A ternura da expressão  
Dos Anjos me ergue á mansão.

Sem ella já me parece  
    Que fenece  
Minha esperança sonhada,  
    Mallograda,  
Mallograda, qual botão  
Que murchou, caído no chão.

Já perdi a liberdade,  
    E a vontade  
De viver como eu vivia  
    Noite e dia,  
Noite e dia, sem paixão,  
Sem amor, na solidão.

Não; já não amo o retiro,  
Nem suspiro  
Pela antiga independencia  
Da existencia,  
Da existencia em que a razão  
Só tinha imperio e acção.

Quero ser escravo d'ella,  
Que é tão bella;  
Quero agora obedecer-lhe,  
E offrecer-lhe,  
E offrecer-lhe adoração  
Na de amor pura effusão.

A minha passada vida  
Foi perdida;  
Quero viver a seu lado,  
Ser amado,  
Ser amado; — e porque não?  
Tanto amor será envão?

Amor, amor só desejo;  
Só almejo  
Ver agora a amor sujeito  
Este peito,  
E o seu peito, e o coração,  
Alma, vida, e sua mão.



## XX.

## CANTEMOS UM SIM.

Oh Anjo, que inspiras  
Palavras de amor,  
E abrasas o peito  
De amante cantor;  
Da esfera celeste  
Ah vem, vem a mim;  
Cantemos, oh Anjo,  
Cantemos um Sim!

Um Sim em seus lábios  
Ouvi murmurar,  
Tão doce, tão meigo,  
Qual brando vibrar

De uma harpa tocada  
Por um Seraphim.  
Cantemos, oh Anjo,  
Contemos um Sim.

E ella que o dice  
Empallidecêo ;  
Os olhos de pejo  
Ao seio deseêo ;  
Seu rosto de rosa  
Tornou-se em jasmim.  
Cantemos, oh Anjo,  
Cantemos um Sim.

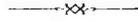
Ao som mavioso  
Que apenas ouvi,  
De amor um incendio  
No peito senti ;  
De jubilo ao rosto  
Subio-me o carmim.  
Cantemos, oh Anjo,  
Cantemos um Sim.

Desde esse momento  
O meu coração  
Tranquillo palpita,  
Sem mais oppressão.  
De Urania a palavra  
Aos sustos poz fim.  
Cantemos, oh Anjo,  
Cantemos um Sim.

Sorrio-se o futuro  
De um Sim ao poder.  
Agora coméço  
Um novo viver.  
Já tudo se alegra  
Em torno de mim.  
Cantemos, oh Anjo,  
Cantemos um Sim.

Oh Anjo! teu canto  
Não póde exprimir  
O enlevo divino  
Que um Sim faz sentir!

De balde te invoco ;  
Mas ah! mesmo assim  
Cantemos, oh Anjo!  
Cantemos um Sim.



## XXI.

## DO QUE ME QUEIXAREI?

Do que me queixarei do céo benigno?

Chamando-me á existencia,

Onde o homem é rei, não me dêo elle

Humana e livre essencia?

Não me dêo elle um corpo, que á vontade

Se dobra obediente?

Um coração sonoro, onde resôa

A voz do Omnipotente?

Não me dêo elle uma alma, que se exalta

Ao fulgor da belleza?

Que concebe o infinito, e as leis indaga

De toda a Natureza?

Uma alma, que apesar de presa á terra,  
Jamais do céo se esquece,  
E amorosa do bem, em sancto enlevo,  
Pura oblação lhe offrece ?

Não me dêo elle, o que bem raro outorga  
Á criatura humana,  
Essas azas subtis que a mente elevam  
Á esphera soberana ?

Essa chamma que abrasa, e purifica  
Qualquer terrena idéa ?  
Essa voz, que os mysterios da harmonia  
Ao mundo patentêa ?

Que maior dom concede o céo aos homens,  
De longo em longo espaço ?  
Dom sublime, que a mente divinisa,  
Na terra fão escasso !

Ah ! que me importa a rude indifferença  
Dos escravos da terra,  
Que n um trafico vil, sedentos de ouro,  
Se fazem mutua guerra ?

Que me importa que aos seus duros ouvidos,  
Onde a harmonia expira,  
Mais grato seja o chocalhar da bolsa,  
Que os brandos sons da lyra?

Que me importa o guiuchar da torpe iuveja  
Que os corações perverte?  
Quem jamais quiz louvor da bocca immuuda  
Que venenos só véрте?

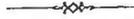
Não dêo o céo tão mavioso accento  
Ao sabiá canoro  
Para que o ouça, e applauda no seu brejo  
Das rãs o triste côro.

Campos rasos, e chatos horizontes  
Nenhuma voz repetem;  
Nem de turvos paúes as mortas aguas  
O azul do céo reflectem.

Só almas bellas como a tua, Urania,  
Do bello se namoram;  
Só para ellas amorosos vates  
Cantam, suspiram, choram.

Ouças-me tu; só tua voz me applauda,  
Si te mereço tanto.

O mais que importa? — Por ti só suspiro.  
E só por ti eu canto.



## XXII.

## A CANTATA.

**P**ois que tão pura a argêntea voz desatas  
Ao som desse instrumento,  
E em brandas harmonias te arrebatas,  
Dando-lhe ás cordas vida e sentimento;  
Em vez dessa cantiga  
De estrauho affecto, e alheio pensamento,  
Que a lastimar obriga  
Um terno amor, tão mal correspondido;

Sem mudar-lhe das notas o compasso,

Canta a minha ventura,

E o peito meu vencido

Pelo invencivel laço

Da tua formosura;

E repete commigo em voz canora:

Captivo o tenho,

Elle me adora;

Amor me offrece,

Amor implora.

A tanto empenho

Que me enternece,

Cruza fôra

Mostrar rigor.

Ah! feliz seja

Como merece

Quem só deseja

O meu amor.

---

## XXIII.

**JÁ MEIANOITE!**

**J**á meianoite! Não creio.

Como é possível, senhora?

Si apenas chego, si agora

Começava a escureeer!

Da propicia noite á espera

Passei uma tarde immensa;

Chega a noite, e não compensa

Tanto esperar e soffrer.

Porque mysterio insondavel  
Assim o tempo se altera?  
Que se alonga, ou se accelera.  
Sempre opposto aos votos meus!  
    Quando estou daqui distante  
    Parece o tempo parado;  
    Mas como vâa apressado  
    Mal que avisto os olhos teus!

Si igual porêm dura o tempo,  
Sempre o mesmo a cada iustante,  
Então é o teu semblante  
Que faz-me o tempo olvidar.  
    Oh sim! ditoso a teu lado  
    Viver posso eternamente,  
    Sem que nada me atormente,  
    Sem o tempo longo achar.

---

## XXIV

## A FELICIDADE DO AMOR.

**M**il vezes feliz quem ama!

Ah! só quem ama é que sente

Como é suave e innocente

Este affecto encantador.

Meu coração sempre triste,

Que insensivel parecia,

Como agora se extasia

Só co' um sorriso de Amor!

Um só sorriso ineffavel.  
Como o destino tão forte,  
Mudou logo a minha sorte,  
E o meu ser, que outro sou eu.

    Por amal-a sou ditoso!  
E o que fôra sendo amado?  
Eu ficára endeosado,  
Adorando o rosto seu.

Mas que digo? o que me falta?  
É sem par minha ventura!  
Sua alma innocente e pura  
Á minha alma se entregou.

    Porém ella manda, impera  
Na minha alma, e no meu peito;  
Que com prazer me sujeito  
A quem tanto me outorgou.

Oh meu Deos! minha ventura  
Excede a quanto eu sonhava,  
Quando ás vezes me entregava  
Á doce idéa de amar!

Nas trevas em qu' eu vivia  
Luz serena resplandece;  
Agora só me parece  
Que nasci para gozar.

É tal a minha alegria,  
Tal a chamma que em mim lavra,  
Que até me falta a palavra  
Para exprimir a paixão.

Tento cantar suas graças,  
E só gemo, e só suspiro,  
E em cada som que desfiro  
Quer fugir-me o coração.

Quer fugir-me sempre inquieto,  
Sempre de amor abrasado,  
Quer só estar a seu lado,  
Que a ausencia é tormento atroz.

Só juncto á Urania se expande,  
Só a seus olhos respira,  
E terno bate, e suspira,  
Quando lle ouve a doce voz.

Todo este amor que me abrasa,  
Todo este amor tão constante,  
Não me parece bastante  
Para o d'ella merecer.

Amal-a inda mais quizera  
Co' um amor inconcebivel!  
Mas, oh Deos! não é possível;  
Mais amor não póde haver.



## XXV.

## A MINHA GLÓRIA.

Corram á pugna heróes sanguisedentos,  
E exercitos commandem;  
Matem sem dó; e campos, e cidades  
Queimar, arrazar mandem;  
E ao bramir dos canhões, e da victoria,  
Sobre destroços ergam tanta glória.

Cheios de orgulho, a seu prazer governem  
Os despotas da terra;  
Distribuem mercês, e a estranhas gentes  
Decretem paz ou guerra;  
Incense-os a lizonja; a côrte os ame,  
E o povo oppresso pais da patria os chame.

Nunca assaz fartos de ouro, os mares cubram

De aventureiras velas

Felizes mercadores; ricos comprem

Palacios e baixellas,

E em festas vãs consumam n'um só dia

O que a muitos em annos pão daria.

Tudo o que o mundo por grandeza acclama,

E lhe desperta a inveja,

Tranquillo goze-o quem o tem; exulte,

E assim ditoso seja.

Eu não lho invejo, ah! não. Nem ha ventura

Na ambição que destróe d'alma a candura.

Mas, si me escuta o céo, um bem lhe peço,

Um bem mais verdadeiro,

Que do rei o poder, do rico o luxo,

E a gloria do guerreiro:

É cantando viver sempre a teu lado,

Amar-te sempre, — e ser de ti amado.



## XXVI.

## O ANJO.

Agora sim, convencido,  
Da verdade darei fé;  
Que os Anjos á terra descem,  
Um vi eu, verdade é.

E pois certo o que nas Lendas  
Por ahi se conta e lê!  
Oh feliz quem o acredita,  
Infeliz de quem não crê.

E mais infeliz ainda  
Si olhos tem, e nada vê;  
Pois o Anjo que estou vendo  
Corpo tem, visível é.

---

Vêde a côr da casta lua  
Em sua fronte alvejar:  
Vêde nas faces macias  
A aurora purpurear.

Vêde os olhos, são estrellas,  
Como estão a rutilar!  
Ha na terra olhos como esses,  
Que assim podessem brilhar?

Quem póde ver esses olhos  
Sem de pasmo confessar  
Que só um nume podera  
Para taes olhos olhar?

---

Em que outros labios tão lindos  
A candura assim sorrio?  
Que roseo botão cheiroso  
Assim á aurora se abriu?

Que garganta sonora  
Aquella voz desferio?  
E o doce e suave timbre  
Em que crystal retinio?

Si essa voz não é de um Anjo,  
Quem jamais igual ouviu?  
Que criatura no mundo  
Tão celeste assim se viu?

---

Seu corpo esbelto e garboso  
Ostenta todo o vigor  
De dezoito primaveras,  
Inda puras, sem amor.

Sem amor terrestre, humano,  
Que ás virgens rouba o candor,  
O perfume da innocencia,  
A graça, o mimo, o verdor.

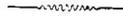
Mas em seu rosto divino,  
Nesse divino pudor,  
Quem não vê, não reconhece  
O puro, o celeste amor?

---

Porque á terra baixaste,  
Meu seraphim, Anjo meu?  
Que vida encantar vieste?  
Quem aqui te merecêo?

Porque mortal, quasi nume  
Deixaste a patria do céo ?  
Nume será o ditoso  
Co' um sorriso, e o amor teu.

Mas quem saberá na terra  
Dar-te amor puro ? . Só eu ;  
Só eu sei como se adora  
A um Anjo, um Anjo do céo.



## XXVII.

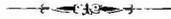
## O RETRATO.

**P**ara fazer teu retrato,  
Escolhi jasmins e rosas,  
Perfumes, perlas, alambre,  
E as pedras mais preciosas.

Com arte fui comparando  
Cada parte do teu rosto  
A estas fracas imagens  
Do teu perfeito composto.

Depois vi que o teu retrato  
Outros muitos me lembrava  
Pintados por grandes vates,  
Em qu'eu nem sequer pensava.

Mas a culpa não é minha,  
É culpa da natureza,  
Si em todo tempo o poeta  
Só ama a pura belleza.



## XXVIII.

## QUANTO PÓDE AMOR.

**O** que não ousa o esperançado amante,  
Para ser grato a quem de amor o inflamma!  
Altas emprezas sem cessar medita,  
Dignas de fama.

Tal quer de louros guarnecida a fronte  
Heróe mostrar-se, e ao marcio prelio corre;  
Vence amoroso, ou infeliz na pugna  
Rábido morre.

Tal, que do affecto não lhe é dado o premio,  
Porque nascêra em berço humilde e pobre,  
O que não tenta, até que alfim o illustre  
Titulo nobre!

Este, si o encanta de um avaro a filha,  
E o pai quer provas desse amor em ouro,  
Industrio o busca, e deste geito alcança  
Duplo thesouro.

Dez, e dez annos a servir, não cança  
O fido amante que a Rachel adora.  
Contra Leandro o Hellesponto irado  
Mostre-se embora.

Qual por amor ambiciona um throno ;  
Qual da nobreza por amor se esquece ;  
Qual foge ao mundo ; qual do inferno ás sombras  
Árdido desce !

Ah! minha Urania! amor tambem me inspira  
Nobre ardimento! e quer qu' eu ouse terno  
Dar-te em offrenda, qual Petrarca á Laura,  
Cantico eterno!

## XXIX.

## A RAZÃO E O CORAÇÃO.

Si eu só escutasse  
O meu coração,  
E não consultasse  
A minha razão,  
Na lucta que me angustia  
Tudo ariscado teria.

Diz-me ella:— descança,  
Aplaca o furor;  
Firmeza e esperança  
Conquistam amor.  
O coração se lacera  
Quando a razão diz-me: espera.

Diz-me elle: — esperando  
A vida é cruel,  
E vai-se tragando  
Da incerteza o fel.  
Falla a razão, e crimina  
Quanto o coração me ensina.

Que dura existencia,  
Que lucta fatal!  
Não ha paciencia  
Que exceda a meu mal!  
A ti, oh bella, concedo  
A decisão deste enredo.



XXX.

## A GRATIDÃO DOS POETAS.

**A**ntes de mim, minha Urania,  
Outros poetas amaram,  
**E** com versos peregrinos  
Seus amores celebraram.

No ideal Paraíso  
Do genio do egregio Dante,  
**Vê** Beatriz que fulgura  
Só com ser do vate amante!

Ternas canções de Petrarca  
Salvaram de Laura o nome ;  
Sem o vate essa beldade  
Murcharia sem renome.

Quem Leonor conheçêra  
Apezar de ser Princeza ?  
O louco amor de Torquato  
Valêo-lhe mais que a grandeza.

Marilia, oh gentil Marilia,  
Tudo ao teu vate só deves.  
Teu nome será eterno  
De Dircêo nas lyras breves.

Outras, talvez mais formosas,  
Igual sorte não tiveram ;  
Amantes de homens sem gloria,  
Ellas sem gloria morreram.

Tu sabes o que de Midas  
N' outro tempo se dizia ?  
Que tudo em qu' elle tocava,  
Em ouro se convertia ?

Esse poder fabuloso,  
Que o paganismo fingio,  
Nunca, minha bella, nunca  
O rei Midas possuio.

Aos vates, somente aos vates  
Deos concede igual magia;  
Elles sós transformam tudo  
Co' os encantos da poesia.

Como de fonte<sup>perenne</sup>  
De seus labios se deslizam  
Ondas de vida e de gloria,  
Que mais que o ouro eternizam.

A mente que o céo bafeja,  
A fortuna menospreza;  
Como a flor só verte aromas  
Que embalsamam a belleza.

O canto das lindas aves'  
Recompensa seus amores;  
Quando as flores se entrelaçam  
Exhalam gratos odores.

Eu não tenho outras riquezas  
Mais que as riquezas das aves,  
Mais que as riquezas das flores:  
São harmonias suaves.

Cultivo um jardim na mente,  
E a ti sobem seus perfumes;  
Da minha lyra te offreço  
Hymnos de Amor, e queixumes.

Tudo te dou, minha amada,  
Alma, esperança, socego,  
Coração, a dextra, a vida.  
Tudo é teu; a ti me entrego.

---

XXXI.

A HARPA.

Ah! não te vás, encantadora Fada!  
De novo ao seio inclina  
Essa harpa de ouro, que tão flebil segue  
A tua voz divina!

Tudo te escuta nestas horas mestas  
Em que o sol transmonta,  
E entre os negrumes da propinqua noite  
A lua além desponta.

Tudo em silencio um canto mais espera  
Da tua voz divina,  
Ao som dessa harpa que tão meiga abraças,  
E ao ombro teu se inclina.

---

Dessa harpa de ouro majestosa ao lado  
Um Anjo me pareces,  
Quando lhe estendes amorosos braços,  
E as fibras lhe estremece.

Ao teu influxo se propaga a vida  
Ao tepido instrumento,  
Que acorda e geme, e dos teus alvos dedos  
Absorve o sentimento.

Nem é só ella; a mim tambem, Urania.  
Os nervos me estremece,  
Quando alvejando, reclinada a essa harpa,  
Um Anjo me pareces!

---

Nessas convulsas, dedilhadas cordas  
Um echo inda resôa:  
Dos teus amplexos o calor, a vida  
Ainda n'ellas còa.

Nesse suave murmurar que expira,  
    No som que se evapora,  
Mais um momento de respiro essa harpa  
    Á tua voz implora.

Revoea, oh Fada! o fugitivo alento  
    Que ainda n ella cõa;  
Sólta essa voz, que na minha alma absorta  
    Tão magica resôa!

---

As auras mesmas perturbar não ousam,  
    Com seu halito brando,  
O ar que immovel, mudo e quedo espera  
    Teu canto venerando.

No céo tão calmo, não de todo envolto  
    Nas noctivagas telas,  
Como que já para te ver se apressam  
    Desmaiadas estrellas.

E os Cherubins, que em torno a Deos exalçam  
    Seu hymno venerando,  
Olhos e ouvidos nesses sirios abrem.  
    Ao teu gorgoio brando.

---

Que hora mais grata para ouvir teu canto  
Que ao despontar da lua,  
Toda expandida, e lá do céo um raio  
Envia á face tua?

Doce magia em torno a ti derrama  
Da noite o argenteo lume;  
É como um sonho, uma visão celeste,  
Em que apparece um Nume.

Completa o sonho; reanima essa harpa,  
Sua voz une á tua;  
Direi que vi, que ouvi cantar um Anjo  
Ao despontar da lua!

---

## XXXIII.

## O BEIJO D'ALMA.

**J**á o sino do convento  
Meianoite annunciára;  
Após um' hora, após duas,  
A terceira inda eu contára,  
N' um continuo vigilar.

O ar tranquillo, o céo calmo;  
Repousava a Natureza;  
E eu desperto contemplava  
Sua mystica belleza,  
Tão sympathica ao luar.

Da minha janella em frente  
Sentado, meditabundo,  
Olhando para as estrellas,  
Um mundo após outro mundo  
Via ante mim desfilar.

De idéa á idéa passando  
Sem destiuo, aventureoso,  
Viajava o infindo espaço,  
Como um raio luminoso  
No seu rápido vibrar.

Da memoria revocava  
As scenas do meu passado ;  
O meu futuro suppunha,  
De mil modos ideado,  
Mas sempre de Urania apar.

De amor nas ethereas azas,  
Eu e ella entre perfumes,  
Ao som da orchestra dos astros,  
Ao travez de eternos lumes,  
Íamos sempre a cantar.

Até que enfim já cansado,  
O corpo só. que a alma alerta,  
Sem parar imaginando,  
E cada vez mais desperta,  
Adormeci a pensar.

Vi uma estrella brilhante  
Vir a mim, do céu descendo.  
Cerulea luz emanando,  
E pouco a pouco crescendo,  
Até bem perto parar.

Do seu seio luminoso  
Uma angelica figura  
Surgio tão bella, tão pulchra,  
Que d' ella apar era escura  
Essa estrella a rutilar.

E eu ao vel-a, deslumbrado,  
Cheio de amor e respeito,  
Os olhos fechei, e via.  
Ao travez, tão lindo aspecto  
Do mesmo modo brilhar.

E ella assim dice: — De Urania  
A alma eu sou, e o pensamento.  
Seu corpo, como o teu corpo,  
Repousa neste momento,  
Emquanto estou a vagar.

„Por ti evocada venho,  
Por tua ardente vontade,  
Por teu amor vehemente,  
Que me prende a liberdade,  
Venho para te alegrar.”

E assim dizendo, na fronte  
Um casto beijo me dêo.  
Celeste fogo abrasou-me,  
Todo o meu corpo tremêo;  
Acordei! Triste acordar!

Olhei para o céo, — escuro;  
Inda a noite o envolvia.  
E fiquei todo abysmado  
Em doce melancolia,  
Só no meu sonho a scismar.

## XXXIV.

## COMO EU CANTAVA.

**M**inha alma é como um abysmo  
Inundado de tristeza;  
Ante mim da morte as trevas  
Cobrem toda a Natureza.

Inuteis lagrimas saltam  
De meus olhos macerados;  
Ninguem ao menos escuta  
Meus ais de dor repassados.

De que me serves, oh vida?  
Vida de angustias pejada?  
Mar de incessantes martyrios,  
Existencia malfadada!

Venia a morte libertar-me  
Deste viver que aborreço.  
Nenhum bem do mundo espero:  
A morte, a morte só peço.

Eis como eu cantava outr'ora!  
E assim a manhã saudava,  
Assim eu saudava a noite;  
Mas inda então não amava!

Agora só peço a vida,  
A vida para adorar-te,  
A vida para servir-te,  
A vida só para amar-te.

Na angustia a morte fugio-me,  
Fuja agora muito embora;  
E Deos que me não ouvia,  
Por piedade ouça-me agora.



## XXXV

## PARA QUEM SÓ CANTO.

Que importa ao passarinho,

Que canta no deserto,

Si humana voz nenhuma

Applauda o seu concerto?

Esse canto amoroso

Com affagos lhe paga o par mimoso.

Que importa á flor do campo,

Que ao sol se abre tão bella,

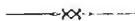
Si o' céo a não destina

Á frente da donzella?

A borboleta a beija,

O sol a aquece, e o zephyro a bafeja.

E a mim o que me importa  
Si applausos não mereço  
De gentes que não amam,  
E a quem louvor não peço?  
No amor em que me inflammo  
Só canto para Urania, a quem só amo.



XXXVI.

## O CAVALLEIRO

E

## O TROVADOR.

Nesses tempos christãos, em que o guerreiro  
De ferro só coberto,  
Ia salvar do mauro captiveiro  
Um sepulchro deserto ;  
Era dever mui digno da bravura  
Do nobre lidador  
A honra defender, e a formosura  
Do seu dilecto amor.

Nem cavalleiro havia moço e forte  
Que dama não tivesse,  
Nem dama nos castellos e na côrte  
Sem quem a defendesse.  
E cada qual brioso sustentava,  
Contra o seu contendor,  
Ser a mais bella dama a que elle amava,  
E a mais digna de amor.

Dos armados palauques as donzellas  
Com brandos olhos viam  
Os gentis cavalleiros que por ellas  
Tão feros combatiam;  
E da argolinha em troco á lança atavam  
A charpa, ou uma flor,  
E os campeões ufanos ostentavam  
Esse premio de amor.

Nos castellos feudaes, em festa armados  
De brazonadas lhamas,  
Eram os paladins mui festejados  
Das suas nobres damas.

Mas, do guerreiro apar, nesses castellos  
Entrava o trovador,  
E com seus cantos lindos e singellos  
Tambem obtinha amor.

Si inda durasse tão galharda usança,  
Tão donosos recreios,  
Tambem por ti eu bandiria a lança  
Em justas e torneios.  
Gravado em meu escudo se viria,  
N' um aureo resplendor,  
Teu nome, e em torno a lettra só diria:  
Fidelidade e amor.

Ver-me-ias de ponto em branco armado  
Na liça entrar garboso,  
Sobre um coreel da Arabia, bem montado,  
Audaz e impetuoso.  
Ver-me-ias a lança borneando.  
Qual raio ameaçador,  
Ir por toda a estacada apregoando  
Teu nome, e meu amor.

E quem co a lança o peito me tocasse,  
Pelo amor que confesso,  
Da sella não duvides que o arrojasse  
No primeiro arremesso.  
Sim, virias trincar o pó da arena  
O ousado justador,  
E após apregoar por sua pena  
Tu só digna de amor.

Mas esses bellos tempos de torneios  
Lá se foram embora;  
Lá se foram tambem os galanteios  
Dos paladins de outr' ora.  
Neste tempo prosaico em que vivemos,  
Causa tristeza e dor!  
Quem mais pensa em poeticos extremos  
De bravura e de amor?

O egoismo alargou seu vasto imperio,  
E tudo é mercancia;  
E a terra é como um vasto cemiterio  
De morta poesia.

Ao sancto, ao justo, ao bello o monstro horrendo

Não dá nenhum valor.

O ouro tudo compra, corrompendo

A amizade, e o amor.

Co a balança na mão tudo calcula

Sobre um thesouro pingue;

E vis paixões no peito humano açula,

E o enthusiasmo extingue.

Philosopho, poeta, ou utopista

Chama esse corruptor

A quem ousa pregar á sua vista

As virtudes do amor.

E o amor, o sancto amor se aninha occulto

Nos corações dos vates.

E n'elles só encontra abrigo e culto

Nos mundanos combates.

Desse trafico vil, que o homem profana,

Fóge elle com horror,

E como o Deos supremo donde emana

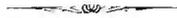
Amor só quer amor.

Mas tu, que o feio mundo não conheces,  
Nem suas amarguras,

Ao bafo maternal com que te aqueces  
Como um astro fulguras.

E eu, que amo a belleza, e amo a virtude,  
Eu, que sou trovador,

Alegre te consagro um alaúde,  
E o mais subido amor.



## XXXVII.

## A FLOR DESPREZADA.

Vem a meu peito de fogo,  
Rosea flor, murcha em botão.  
Murchaste nas mãos da ingrata,  
Que depois lançou-te ao chão.

Insensível, desdenhosa  
Quiz roubar-te ao meu amor.  
Talvez dicesse consigo:  
Não te dou nenhum valor.

Porque mostrou-se queixosa  
Quando vio-te em minha mão?  
Foi por te haver desprezado?  
Ou por tua exaltação?

Não sei;— mas já foste d'ella;  
Recebeste o seu calor.  
É quanto basta; á meu peito,  
Vem, minha mimosa flor.



## XXXVIII.

## O PASSARINHO FUGIDO.

**O**h! que ingrato passarinho!  
Bater as azas, fugir-te,  
Deixar as tuas caricias,  
E o bem de ver-te e de ouvir-te!  
Quem nascêo para voar  
Não póde tranquillo estar.  
    O ingratinho  
    Passarinho  
Teu amor não merecia.  
Fugir-te! — eu tal não faria.

Com tuas mãos delicadas  
Tenro alimento lhe davas ;  
De novas folhas e flores  
A gaiola lhe enfeitavas.  
Não se espere gratidão  
De um ser falto de razão.

O ingratinho

Passarinho

Teu amor não merecia.  
Fugir-te! — eu tal não faria.

Com que ternura o afagavas,  
E nos teus labios mimosos  
Agua ao bico lhe offrecias.  
E bocadinhos gostosos.  
Farto estava, e mal se vio  
Sólto um instante, fugio!

O ingratinho

Passarinho

Teu amor não merecia.  
Fugir-te! — eu tal não faria.

Desse profugo iusensato  
Não mais te lembres agora;  
Sólto vôa, canta e ama,  
E o bem que perdêo não chora.  
E Deos sabe si elle achou  
Outra mão que o engaiolou!  
O ingratiinho  
Passarinho  
Teu amor não merecia.  
Fugir-te! — eu tal não faria.

Por iustincto elle deixou-te,  
E eu te busco por vontade;  
Em tróca do teu affecto  
Dou a vida e a liberdade.  
Elle segue o instincto seu,  
E eu livre obedeço ao meu.  
O ingratinho  
Passarinho  
Teu amor não merecia.  
Fugir-te! — eu tal não faria.

Amemos a Natureza,  
Animaes, aves e flores,  
Mas o amor de uma alma a outra alma  
Excede a esses amores.  
Só de minha alma terá  
Esse amor que ao céo apraz.  
O ingratinho  
Passarinho  
Teu amor não merecia.  
Fugir-te! — eu tal não faria.



## XXXIX.

## O AMOR-PERFEITO.

És um discurso eloquente,

Mimosa flôr!

Tu promettes mudamente

Perfeito amor.

Por ti, sem que ella m'ò diga,

Devo suppor

Que a ter-me sempre se obriga

Perfeito amor.

Teu nome, que tanto exprime,

Augmenta o ardor

Do meu interno e sublime

Perfeito amor.

Eu grato e amante te aceito

Como um penhor

De que ha por mim em seu peito

Perfeito amor.



## XL.

## A RARIDADE DA BELLEZA.

**F**acil a vida o céo prodigalisa;  
E o mar, a terra, os ares  
De entes novos povôa a todo instante,  
Criando-os por milhares.

E a cada qual, segundo um sabio plano,  
E o fim predestinado,  
O necessario outorga, e a fôrma adapta  
Ao instineto apropriado.

Nem é avaro em conceder a todos

A força e a destreza;

E já prevendo a lucta, a todos arma

De meios de defesa.

Vontade sem limites dêo aos homens,

E parca intelligencia,

Para que o vulgo se curvasse humilde

Ao mando da sciencia.

E esses altos engenhos peregrinos,

Inda que poucos, bastam

Para guiar e esclarecer as turbas,

Que após elles se arrastam.

Mas porque foi o céo tambem avaro

Em dar a formosura

Ao rosto da mulher, e a nega a tantas,

Por uma em que se apura?

Ao que destina essa belleza eximia

Tão rara e admirada?

Será talvez, como um ceeste emblema,

Para ser adorada?

Será para a seus pés curvar o orgulho  
    Dos grandes e potentes.  
E mostrar como a força o imperio cede  
    A dons mais eminentes?

Criou-a para ser entre os humanos  
    Quem o sceptra empunhasse?  
Quem todas as vontades conquistando,  
    Só leis de amor dictasse?

Temêo acaso profanar um dote  
    Que tanto nos encanta?  
Destinou-o talvez, raro no mundo,  
    A quem só ama e canta?

Exulta, oh bella Urania! o céo bem sabe  
    Como seus dons reparte;  
A ti a formosura, a mim a lyra.  
    Para terno cantar-te.

Quem mais do céo tão grandes bens recebe  
    Mais humilde o engrandeça:  
E fiel á missão, em grato enlevo,  
    Hymnos de amor lhe offreça.

Cante o vate a belleza peregrina  
Que tanto o inflamma e inspira:  
Que só para exaltar o bem e o bello  
Lhe dêo o céo a lyra.

E a bella, a quem sublime culto offrece  
A voz harmoniosa,  
Do seu vate fiel a terna offrenda  
Recompense amorosa.



## XLI.

## O CANTO DO SABIÁ.

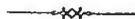
Urania! Não ouves  
Um terno reclamo,  
Que sôa no ramo  
Do teu manacá!  
Si queres ouvil-o  
O passo apressemos:  
De perto escutemos,  
Que é um sabiá.

Sentemo-nos junctos  
Aqui no bosquete,  
Sobre este tapete  
De verde capim.

Naõ vás para longe,  
Que fieo enfadado:  
Aqui, a meu lado.  
Bem perto de mim.

Fallemos de manso  
Emquanto elle canta:  
Si a voz o espanta,  
Daqui fugirá.  
Ah! dize-me ao ouvido,  
Si aquelle gorgoio  
De amar, em teu seio,  
Desejos não dá?

Eu creio que entendo  
Aquella cantiga.  
Si queres que o diga  
Responde que sim:  
No seu estribilho  
Diz eile: — mortaes,  
De amor não temais,  
Amai-vos sem fim.



## XLII.

## O CRAVO E A ROSA.

**M**eu cravo branco e cheiroso,  
Tão viçoso  
Como o rosto encantador  
Daquella formosa e pura  
Criatura,  
Objecto de meu amor.

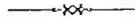
E tu, rosa nacarada,  
Maltratada  
Pelo tempo estragador;  
Inda que cedo murchaste,  
Conservaste  
A graça, o matiz e o odor.

Cravo e rosa, lindas flores,  
Meus amores,  
Vinde sentir o fervor  
Do peito que amor inflamma,  
Que só ama  
Igual peito, igual ardor.

Vós. que d'ella me viestes,  
Me trouxestes  
Mais um signal, um penhor,  
De que sua alma conhece  
Que merece  
Um premio o seu amador.

Murchai. oh flores, agora,  
Muito embora:  
Perdei viço, cheiro e côr;  
Assim mesmo hei de guardar-vos,  
Hei de amar-vos,  
E haveis d' ir aonde eu for.

Iremos tambem com ella,  
Minha estrella,  
Meu Anjo consolador:  
E eu e ella tão amantes,  
Tão constantes,  
Daremos lições de amor.



## XLIII.

## A CHUVA.

Cai em torrentes, jorra,  
Oh chuva abençoada!  
Chuva por Deos mandada,  
Grato maná do céo!  
Cai sem cessar, alaga  
Estas desertas ruas;  
Ninguem nas aguas tuas  
Encontre o firme alvéo.

A estar n' um paraiso  
Pareço assim forçado.  
Da minha bella ao lado  
É doce o teu rumor:  
Açouta-me estes vidros,  
Orchestra encantadora!  
Tu és a protectora  
De meu ardente amor.

## XLIV

## O CAÇADOR.\*

Não ouves o tiro que ao longe  
 Horrisono estoura, e resôa,  
 E a varzea sonora pejando,  
 Os montes e os bosques atrôa?

Não vês a fumaça çinzenta  
 Que se ergue dalli sobre a matta,  
 E em nuvens desfeita nos ares,  
 Ligeira no céo se dilata?

---

Não se achando regulada a cadencia do verso de nove syllabas, quando grave, não usado em portuguez, avisamos aos que estranharem a harmonia dos desta composição, e a fim que lhes dêem na leitura o compasso devido, que todos elles tem tres accents, que recaem na 2.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup>, e 8.<sup>a</sup> Syllabas.

Não vês aturdidas voando  
As aves erguidas dos ninhos,  
Que choram alguma que morre,  
Ou carpem talvez os filhinhos?

Implumes sozinhos ficaram  
Privados dos pais que esvoaçam,  
Fugindo aos terríficos echos,  
Que a todos de morte ameaçam.

Coitados! nos ninhos piando,  
Da rama ao balanço tremeram!  
E quantos das mães na abalada,  
Por terra caíram, morreram!

Armado de fera espingarda  
Algum caçador se recreia!  
E só por prazer despiçado  
A morte nos ares semeia!

Que barbaro gosto! dar morte  
Ás aves que os bosques enfeitam,  
Que doces cadencias exhalam,  
E amantes ouvidos deleitam!

Jamais minhas mãos dispararam  
A morte aos aérios cantores,  
Que aos bosques dão vida, dão alma,  
Dão vozes que fallam de amores!

Eu gosto de vel-os cantando  
Em frente dos seus lindos pares;  
Seu canto minha alma arrebatava,  
E ameiga meus ternos pezares.

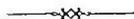
É falta de amor que o occupe,  
De amor que seu peito humanise,  
Que a brandos cuidados o chame,  
E sua existencia suavise.

Lá vem o seu cão perdigueiro  
Exhausto, suando, anhelante.  
Tal é o prazer do seu dono,  
Que o segue estafado, offegante!

Fujamos daqui, minha amada;  
Não vejam teus olhos chorando,  
Ao lado do fero pidentes,  
As victimas tristes sangrando.

Amor, que é da vida o principio,  
Amor, que é bondade e ternura,  
Nem mesmo nas aves supporta  
A morte sangrenta e tão dura.

Urania, quem caça não ama,  
E vive de amor descuidado.  
Melhor aproveito o meu tempo  
De amor percorrendo a teu lado.



## XLV.

## O DIA PERDIDO.

**M**ais este dia perdido,  
E uma noite mallograda;  
Não vi hoje a minha amada,  
Só me resta o suspirar;  
    E suspiro, mas não posso  
    Dar allivio ao meu tormento;  
    Nem socego ao pensamento,  
    Que após ella quer voar.

Oh meu fiel pensamento,  
Que só te occupas com ella;  
Si como tu minha bella  
Só pensasse agora em mim!

Oh! que então meu peito amante  
Respiraria sem medo  
Mas uma voz em segredo  
Me diz que ha de ser assim.

Mas quem é que assim me falla?  
Quem me dá tanta esperança?  
Donde vem a confiança  
Nessa voz interior?

Vem de ti, sem que m'ò digas;  
Vem da lei da Natureza;  
Que tudo dá-me a certeza  
Que amor é premio de amor.



## XLVI.

## A INQUIETAÇÃO.

**E**lla alli stá! . . . Alli, a minha amada,

**E** eu, sem vel-a, me vou!

**E** ella, que alli stá tão descuidada,

**Nem** sabe quem passou.

**E** eu absorvido todo em um desejo,

**Passo**, e torno a passar;

**Os** olhos n' um só ponto, e nada vejo;

**E** não cesso de olhar.

Inda tarde não é:— vamos, me digo,

Vejamos desta vez.

A sala clara está; e do postigo

Brilha a luz ao travez.

E canço de ir e vir; e na janella

Não chega a minha luz!

Entretanto aqui stou tão perto d'ella,

E nada m'a conduz!

Como este ar inflammado que respiro,

Que sai do peito meu

Expellido por ávido suspiro,

Não chega ao peito seu?!

Como este ai lhe não vai gemer no ouvido,

Tocar-lhe o coração,

Dizer-lhe que aqui stou todo embebido

De amor e de afflicção?!

Como, meu Deos, algum presentimento,

Inspiração de amor,

Lhe não desperta n'alma o pensamento

Do meu anciado ardor?!

Nada por mim lhe falla, oh desventura!  
Nada, nada lhe diz,  
Que por não vel-a esta alma se amargura,  
Que esta alma é infeliz!

Emfim, não a verei! — É tarde; e agora  
Perdida a noite está.  
Pensarei n' ella até raiar a aurora,  
Já que vel-a não ha.



XLVII.

QUEIXAS.

Sem doce esperança,  
Oh minha querida,  
Amor não é vida,  
É morte sem fim.  
De amor outros gozam  
Suaves momentos ;  
Porém os tormentos  
São só para mim.

Que importa qu' eu veja  
Teu rosto engraçado,  
De um riso animado,  
Ao longe brilhar ?  
Si a magoa que sinto  
Assim não adoço ;  
E passo, e não posso  
Teus olhos beijar !

Que importa qu' eu pense  
Que tu serás minha !  
Quem é que adivinha  
O teu coração ?  
Quizera a certeza  
Ter sempre a teu lado,  
Em laço apertado  
Da terna paixão.

Suspeitas me ralam  
Na ausencia em que vivo ;  
Nem ha lenitivo  
Á minha agra dor.

Acaso desejas  
Que em taes agonias  
Feneçam meus dias,  
E extinga-se o amor?

---

## XLVIII.

## A ESTRELLA VENUS.

Oh tu, que em noite serena  
Tanto brilhas, pura estrella!  
Entre os sabios conhecida  
Co' o nome de Venus bella!

Que tem minha alma contigo?  
Que suave sympathia!  
Mal te vejo, absorto fico  
Em doce melancolia.

De um cinto azul circulada  
Tua luz alvinitente,  
Que encantos tem a meus olhos,  
Como exalta a minha mente!

Como me estás despertando  
O rosto da minha amada!  
Sua rara formosura  
Em ti vejo figurada.

Como uma virgem celeste,  
Toga alvissima trajando,  
Eu cuido ver minha Urania  
No firmamento adejando.

Cada mortal tem seu astro,  
E tu és a sua estrella;  
Si ella por mim veio á terra,  
Tu no céo velas sobre ella.

Eis porque, Venus formosa,  
Com tanto affecto te vejo.  
Quando te ólho, é só por ella,  
Que só por ella é que almejo.



**XLIX.**

**A AURORA.**

**A** lua se apaga,  
As nuvens claream,  
**E** as aves gorgeam  
A cantiga do seu madrugar.

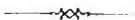
Dissipam as auras  
Da noite os vapores,  
**E** o aroma das flores  
Vão soltando no brando adejar.

De purpura e d'ouro  
O céo se colora!  
Oh salve! É a aurora,  
Que ao trabalho vem tudo chamar.

Mas acha-me alerta,  
Sem ter repousado,  
E todo occupado  
Com Urania na mente a pensar.

Commigo velaram  
Amor e poesia.  
Com tal companhia  
Como é grato de noite velar!

Na aurora que surge  
Urania saudemos;  
A amor consagremos  
Desde a aurora este dia a cantar.



L.

## A FLOR SAUDADE.

Saudade! terna saudade,  
Flor tão triste, e tão mimosa,  
Tu és a imagem desta alma,  
Desta alma de amor anciosa.

Tua fôrma e cor retratam  
Meu coração magoado;  
Teu nome o affecto exprime  
Em que aqui vivo engolphado.

Linda mão roubou-te ao vaso  
Do qual eras o ornamento;  
Mas vens morar em meu peito,  
Vens acalmar meu tormento.

O que me dizes tão terna  
É um doce lenitivo  
Para as ancias de minha alma,  
Na solidão em que vivo.

Oh flor! que prazer suave  
Agora me estás causando!  
Ah! si eu pudesse afagal-a  
Como te estou afagando!

---

## LI.

## A FOLHA PERDIDA.

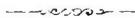
Quem fruindo o doce effluvio  
De um jardim embalsamado,  
Pode achar suave o cheiro  
Do suspiro desbotado ?

Entre mil flores viçosas  
Que brilham no prado verde,  
Quem vai ver a secca folha  
Que sobre a terra se perde ?

Esta folha co' o meu nome,  
Vai perder sua valia;  
É um susurro discorde  
No meio de uma harmonia.

Mas este som vos recorda  
Pura, constante amizade;  
Vós o sabeis; isso basta  
Para dar-lhe suavidade.

Amizade! Ah! como é fria  
Essa expressão de respeito!  
Outro affecto mais ardente  
Abrasa meu terno peito.



## LII.

## O QUE É AMOR?

**T**u me perguntas  
**O** que é Amor?  
**Arduo problema**  
**Me vens propor,**  
**Sublime thema**  
**Para um doctor!**  
**Mas si me dizes**  
**O que é a dor,**  
**O que é o frio,**  
**O que é calor,**  
**Dir-te-hei, oh bella,**  
**O que é Amor.**

Amor não soffre  
Definição ;  
Sente-se o effeito  
Dessa paixão,  
Que róe no peito  
O coração.  
Sentil-o posso,  
Dizel-o, não.  
É frio, é febre,  
É um vulcão ;  
É tudo a um tempo  
Sem confusão.

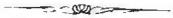
Amor é tudo  
Por modo tal,  
Que eu não sei dar-te  
Um só signal  
Para explicar-te  
Seu natural.  
Sei que da vida  
Elle é causal:  
Mas tambem mata,

Tambem faz mal;  
Ora é divino,  
Ora infernal.

Ora nos mostra  
Na terra o céo  
N'um rosto lindo  
Como é o teu,  
Quando sorrindo  
Se volve ao meu;  
Ora em nossa alma  
Co' um gesto seu  
O inferno embebe;  
Que mais sei eu?  
Amor é tudo,  
É um Prothêo!

Queres um meio  
Para o saber?  
É a quem te amá  
Corresponder.  
Á sua chamma

Tu has de ver  
Que melhor cousa  
Não póde haver.  
Correspondido  
É tal prazer,  
Que mais os Anjos  
Não podem ter.



## LIII.

## ESTUDO DO AMOR.

**O**u seja a vida um sonho,  
Ou seja realidade,  
Que importa, si é verdade  
Que temos de a soffrer?

Eu não pretendo agora  
Sondar tão grande arcano,  
Que espanta o engenho humano,  
Que em vão sondal-o quer.

Aos sabios deixo o estudo  
Que tanto os atormenta;  
Agora Amor me tenta  
A outro discorrer.

Saber desejo, Urania,  
Porque devo eu amar-te;  
Porque em toda parte  
Te cuido sempre ver!

Porque teu lindo rosto  
De longe me apparece,  
De perto me enternece,  
E faz-me enlouquecer?

Em ti pensando sempre,  
Em nada mais eu penso;  
E ando tão suspenso  
Que estranho o meu viver.

Ás vezes até cuido  
Que acórdo de repente;  
E sinto um fogo ardente  
Nas veias me correr.

E logo corro a ver-te,  
E abstracto vou passando,  
E como que voando,  
Sem céo, nem terra ver.

E apenas sei que vivo,  
Porque de instante a instante  
Meu peito palpitante  
Quer ar, e quer gemer.

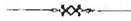
Mas logo que te eu vejo,  
Meu peito se dilata,  
Minha alma se arrebatá,  
No assomo do prazer.

Que força é esta occulta  
Que uma alma á outra liga,  
E faz que sempre a siga  
Máo-grado o seu querer?

Oh força da belleza,  
Que n'um olhar sereno,  
N'um riso terno e ameno  
Ostenta o seu poder!

Amor! Assim chamamos  
A força poderosa;  
Mas nem em verso ou prosa  
O posso descrever.

Ah! deixa que a teu lado,  
Do amor no grato estudo  
Me absorva todo, e em tudo  
O chegue a conhecer.



## LIV.

## O DESENFADO.

Nunca o céo tão formoso se ostenta  
Como após a borrasca sombria :  
Rosea nuvem succede á tormenta,  
Raia o sol, ri-se o ar, brilha o dia.

Assim vejo com pasmo o teu rosto  
Mais divino que o céo, e que a aurora,  
Quando após momentaneo desgosto  
Ineffavel prazer o colóra.

Mas não quero gozar tal ventura  
Pelo preço de ver-te enfadada.  
Deixa embora ostentar a Natura  
De mil phases a escala iriada.

Nesse rosto sublime que iguala  
Os dos Anjos, que o Eterno ladeam,  
Quando um doce sorriso resvala,  
Meus sentidos, minha alma se enleam.

Nunca mais ao teu rosto a tristeza  
Roube a calma, a candura, o sorriso;  
Nunca mais murche a dor a belleza  
Desse meu eternal paraíso.

Sempre amor meigo e treno, gyrando  
Em teus olhos, decrete o meu fado.  
Quanto mais amor é meigo e brando,  
Mais abrasa o seu fogo sagrado.



LV.

**O REI E O POETA.**

**O** rei no seu throno alçado,  
Coroado,  
E o aureo sceptro na mão,  
O que de sí não presume?  
Que é já nume,  
Não de humana condição.

Mas da purpura despido,  
Perseguido,  
Já sem mando o pobre rei,  
De seu orgulho se esquece,  
E conhece  
Que o poder é só da lei.

Eutão o deos soberano,  
    Já humano.  
Confundido co'os mortaes,  
Exulta se acha piedade  
    Na amizade  
Dos que já crê seus iguaes.

Assim eu, quando em delirio,  
    Lá no Empyreo,  
Cuido meus hymnos subir,  
De sol em sol vagueando,  
    Vou pensando  
Que tudo me deve ouvir.

Dos meus hymnos na abalada  
    Levo alçada  
A lyra como um tropheo;  
E na luz, em que me inundo,  
    Vejo o mundo  
Como um átomo no céo.

E o genio que me illumina,  
E fascina  
Com seu augusto esplendor,  
Me faz crer no doce enlevo  
Que só devo  
Merecer cultos de amor.

Que a terra já me venera,  
Que me espera  
Gloria no tempo sem fim;  
E quem meu amor merece,  
Já se esquece  
Toda de sí, só por mim.

Oh sonhos da phantasia!  
Oh poesia!  
Oh doces, gratas visões!  
Como deixais o poeta,  
Quando a meta  
Toca em fim das illusões?!

Rei sem throno, e sem prestigio,  
Do fastigio,  
Em que se alçára, caído!  
Eil-o mortal, e já chóra  
Quem outr'-ora  
Só co' os astros se medío!

Feliz eu, si dessa gloria  
Transitoria  
Que minha mente sonhou,  
Me ficar essa belleza,  
E a certeza  
Que por ella amado sou.

Sim, oh bella a quem só vejo,  
Meu desejo  
É só viver para ti.  
Homem sou; amor te peço,  
E confesso  
Que para amar-te nasci.

---

## LVI.

## A MUDANÇA.

**E**u cuidava ter nascido  
Para continuo soffrer;  
Já me havia preparado  
A um bem triste viver.  
Mas graças, graças, Urania,  
Tu só me ensinaste a amar.  
Vê porém como te excedo,  
Como te sei adorar.

Si eu antes de ver-te  
Amado não tinha,  
Meu bem, acredita,  
Não foi culpa minha.

A todas olhava  
Com grande desdem,  
Porque não achava  
Teu rosto em ninguém.

Eu dizia : até a morte  
Serei victima da dor ;  
Não amo, nem sou amado,  
Nem nunca terei amor.  
Mas entre os meus dias tristes  
Um dia alegre raiou,  
Foi como um magico dia  
Em que tudo se mudou.

Si eu antes de ver-te  
Amado não tinha,  
Meu bem, acredita.  
Não foi culpa minha.  
De amor eu gostava  
Si o via em alguém ;  
E o que eu ideava  
Não via em ninguém.

Como o preso na masmorra  
Vê repentino clarão,  
Escuta a voz que annuncia  
Que é chegado o seu perdão;  
E de prazer chóra e ri-se;  
Assim, minha bella, assim  
Fiquei eu, quando piedosa  
Volveste os olhos a mim.

Si eu antes de ver-te  
Amado não tinha,  
Meu bem, acredita,  
Não foi culpa minha.  
O que eu almejava  
Teus olhos só teem;  
Por isso não dava  
Minha alma a ninguem.

As graças que eu ideava  
Junctas em ti descobri.  
Vi-te, Urania, e logo amei-te,  
E ness' hora renasci.

Si nunca amei, razão tive,  
Ninguem mais sensível que eu;  
Mas no céo estava escripto  
Que eu devia ser só teu.

Si eu antes de ver-te  
Amado não tinha,  
Meu bem, acredita,  
Não foi culpa minha.  
Por ti esperava;  
Achei-te, meu bem!  
E nesta alma escrava  
Só tu, — ou ninguem.



## LVII.

## A NOITE DE S. JOÃO.

Venha penna e papel, venha um tinteiro;  
Que estouro si não canto sonoro  
Os trances de um andante cavalleiro,  
Poeta aventureoso!

Eu sou, eu mesmo o heróe dest' ode ovante,  
Eu, que montado em trêfego ginete,  
Toda a cidade atravessei flammante,  
Té quem do Catete.

Só para te vir ver saltei fogueiras,  
Cabeças de alcatrão, barris queimados  
De que cheias estão ruas inteiras,  
E os ares afumados.

Daqui rolando estoura horrída bomba ;  
Dalli massos estralam de foguetes ;  
Qual raio ruge a frecha, e no ar ribomba  
Com crebros repiquetes.

Ignias rodas, suspensas das janellas,  
Gyram de um lado e de outro crepitantes,  
Dardejando myriadas de estrellas,  
Cometas fulminantes.

Em vivas a João de cada canto  
Esbofam-se os letificos festeiros ;  
É um inferno festejando a um sancto  
Propicio aos fogueteiros.

De tanto fogo e fumo arripiado  
Vinha o meu palafrem nitrindo e afflando,  
Quando imprevisto buscapé damnado  
Tornou o caso infando !

Eil-o se engrifa, arrifa e pinoteia,  
Recúa, quer voltar ; premo-lhe os flancos ;  
Puxo as redeas ; mas qual ! Mais corcoveia,  
E atroz me traz aos trancos.

As patas bate o rapido hippogrifo,  
 E vôa pelos ares, vento em poupa,  
 Ao travez do ehispifero borrito,  
     Que eai-me a queimaroupa!

Hirtas as crinas, erriçado o pello,  
 Fogo nos pés, as ventas fumegantes,  
 E eu em cima a querer em vão eontel-o, . .  
     Eramos dous ehibantes!

Eis de uma porta um eão, — o cão eerbero!  
 O arrêmette, e a ladrar lhe ferra a garra;  
 E o corcel a eorrer n'um desespero,  
     Deita ao mollosso a barra.

Inda do perro eseuto o agudo guineho,  
 Co'a patada que alli leva ao soslaio;  
 Mas no tremendo, inopinado pineho,  
     Não sei como não cáio!

Fincando nos ilháes os ealcanhares,  
 Firme na sella, não abdieo o bruto;  
 Como um coriseo zuno, e rompo os ares,  
     E aquí ehego — ex-abrupto!

Todas convulsas as entranhas tenho  
Do balouço e do afan da rija estafa;  
Nem sei como inda me trabalha o engenho,  
E esta ode historiográfica!

Ah! si da terra Orpheo baixou ao Averno,  
Só para ver a sombra de Eurydice,  
Por ti eu subo ao céo, varando o Inferno,  
E empunho a lyra ultrice.

Do meu arrojo em premio não me teças  
Laurea c'roa, que perco a tramontana;  
Basta para adoçar-me que me offreças  
Um rolete de cana.



## LVIII.

## O AVARENTO.

**E**is o sordido avarento,  
Sentado ante seu thesouro,  
Co' um olhar tão firme e attento,  
Como si elle a todo esse ouro  
Quizera a vida passar,  
Só para vel-o augmentar.

Hirsuto, raro cabello  
Lhe assombra a escabrosa testa;  
Rosto cavado, e amarello  
Dor profunda manifesta;  
Vida só tem nesse olhar,  
Como a serpe a fascinar.

Mirrados braços erguidos  
O ignobil queixo sustentam ;  
Lábios seccos, remordidos,  
Que pouco, e mal si apascentam ;  
A custo inspira elle o ar,  
Como para o não gastar.

De vez em quando temendo  
Ser alli apercebido,  
Torvos olhos retorcendo,  
Busca ver si é visto, e ouvido :  
E o temor o faz gelar,  
Suspendendo o respirar.

Então se ergue manso e manso,  
Pé por pé vai caminhando ;  
Todo o seu ferreo remanso  
De alto a baixo examinando.  
No alçapão vem se deitar,  
Depois de bem o apalpar.

E ahí dorme o pobre louco,  
Si é que dorme quem só pensa  
Que um mar d'ouro fôra pouco  
A fartar-lhe a sêde immensa;  
Céos! que viver! que pensar!  
Que dormir! que atroz sonhar!

Si ao menos Deos lhe mostrasse  
Nesse horror da insanía crua,  
Uma imagem, que o salvasse,  
Qual foi para mim a tua,  
Que me veio consolar,  
E de outro abysmo arrancar!

Eu tambem, não de riqueza,  
Nem de gloria cubiçoso;  
Mas de verdades, defesas  
A todo mortal vaidoso,  
Cuidei co' o muito estudar  
Verdades enthesourar.

Era uma sêde implacavel,  
Um desejo vehemente,  
Uma paixão indomavel,  
Um viver perdidamente,  
Sempre no assumpto a cavar,  
N'um continuo duvidar.

E cancei a paciencia  
Meditando noite e dia ;  
E o que me dêo a sciencia,  
Por quem deixei a poesia,  
Cujo sorrir, cujo olhar  
Encantava o meu sonhar ?

Erros mil, verdades uma,  
Uma só por tanta lida!  
E só Deos sabe si alguma  
Verdade ha nesta vida,  
Que a sciencia possa dar,  
Sem depois a renegar!

No mundo são as verdades  
Como as nossas esperanças;  
As que veem nas tempestades,  
Vão-se após nas aguas mansas:  
E nos vaivens deste mar,  
Que onda nos ha de salvar?

Mas como minha loucura  
Nunca contra o céo ergêo-se,  
Um milagre dêo-me a cura,  
E Deos de mim condoêo-se:  
Vi como um Anjo passar,  
E para mim se voltar.

Foste tu, serena e bella,  
Como a aurora sobre o monte;  
Ou como uma só estrella  
No meu escuro horisonte;  
Foste tu, foi teu olhar  
Que amor me veio inspirar.

Amor! — Prazer mais intenso  
O avarento não tivera,  
Si um thesouro rico, immenso  
Por encanto alli se erguera:  
Mas não, qu'isto é comparar  
Ternos sons ao trovejar.

Amor! — Foi como si eu visse  
A sonhada realidade,  
E a verdade descobrisse;  
E si amor não é verdade,  
Onde a verdade buscar!  
Onde a irei na terra achar?

Razão! bem alto proclamas,  
Qu' essa verdade suprema,  
Eterna verdade que amas,  
E que a alma do lodo estrema,  
Toda está no puro amar,  
E a Deos a mente elevar.

Eu sinto que a chamma ardente  
Deste amor, que me remoça,  
A Deos me levanta a mente,  
E de minha alma se apossa ;  
E me faz como acordar  
Lá no céo, de um Anjo a par.

Sinto como si eu me erguesse  
De um profundo abatimento,  
De um deliquio em que jazesse  
Privado do sentimento,  
E ouvisse um doce cantar  
Em meu peito resoar.

Sinto que o amor beatifica  
O coração em que mora,  
Como o fogo purifica  
O ouro que elle devora,  
Ou como o metéoro que o ar  
Agita para o aclarar.

Pura virgem, sacro objecto  
Deste amor que em mim se accende,  
Teu sancto e divino aspecto  
Toda a minha alma suspende,  
Que para ti quer voar,  
Como para te incensar.

Qual thuribulo abrasado  
Ao céo seu perfume alçando,  
Meu coração agitado,  
Gratos hymnos exhalando,  
Em cada seu palpar  
Te manda esta alma oscular.

Oh de amor suprema graça!  
Já eu volto á minha lyra,  
Companheira da desgraça,  
Que tanto gemer me ouvira!  
Vem, minha lyra, exultar,  
Vem meu amor celebrar.

---

## LIX.

**O PODER HUMANO.**

Como o engenho humano inventa,  
E acrescenta

Co' a sciencia o seu poder!

Pesa no céo os planetas,

Dos cometas

Ousa a marcha descrever,

E a sua volta prever!

---

Com carvão, salitre, e enxofre

Faz de chofre

Arrebentar um vulcão ;

E no seu furor horrendo

Combatendo,

No meio de atro bulcão,

Imita o raio e o trovão.

Ao mar se arroja sem véla,  
E a procella  
Doma á força de vapor ;  
E por longa, ferrea estrada  
Na abalada,  
Soltando horrendo estridor,  
Vence o vôo do Condor!

---

N'um balão, sem azas, vôa,  
Guia, e aprôa  
Nos ares o seu batel.  
Faz o sol tirar retratos,  
Tão exactos,  
Que nem feitos a pincel,  
Por Van-Dick, ou Raphael.

---

Pondo na terra e nos ares,  
Ou nos mares,  
Longo fio de metal,  
Transmitte o seu pensamento  
N'um momento,  
Com rapidez ideal,  
Do pólo norte ao austral.

Cousas mil fôrma e transfôrma,

Muda a norma

De mil seres, seus irmãos ;

Até faz que as mesas dansem,

E se cancem

A soltar orac'los vãos,

Pela influencia das mãos.

---

Sem parar nesta ardua lida,

Passa a vida

A melhorar o porvir,

Que mal chega, é já passado,

Mallogrado,

E só presente a fugir,

Qual de um lampo o desferir.

---

O homem que póde tanto,

(Causa espanto)

Só não busca um meio achar

De viver humanamente,

E contente,

Nã doce paz do seu lar,

Qual Deos o quer, sempre a amar!

Eu, que taes cousas contemplo,

Um exemplo

De melhor vida hoje dou;

Só a minha Urania amando,

E cantando

Os dons que o céo lhe outorgou,

Humano e feliz já sou.



LX.

## O DIA FELIZ.

**F**eliz o dia  
 Em qu'eu dansando,  
 A minha amada  
 Somente olhando.  
 Toquei-lhe a mimosa mão,  
 Na mais viva commoção.

Feliz o dia  
 Em qu'eu tremendo,  
 Ternas palavras  
 Lhe fui dizendo.  
 Ella ouviu-me, e não fallou;  
 Mas fez mais, — tremêo, corou.

Feliz o dia

Do amor primeiro!

Nunca me chegue

O derradeiro.

Nem nunca me ha de chegar,

Que antes hei de eu acabar.



## LXI.

## AS AMADAS DE ANACREONTE.

Não podia Anacreonte  
Suas amadas contar;  
Que eram tantas como as folhas,  
Como as aréas do mar!

Só de Athenas e Corintho  
Era um grande regimento;  
Em cada ponto da Grecia  
Pelo menos tinha um cento.

Lesbos, Caria, Ionia e Rhodes  
Estavam cheias de amantes;  
Sem fallar no Egypto e Syria,  
E outros logares distantes.

O gracioso poeta,  
Pelas contas que fazia,  
Si não estava borracho,  
Amava a dez cada dia!

Póde ser: — mas eu não dera  
Por essa longa enfiada  
Uma só, melhor que todas,  
Uma só, — a minha amada.



## LXII.

## A ROSA.

Certa moça assaz formosa,  
De versos apaixonada,  
Apresentou-me esta rosa,  
E assim me dice engraçada:  
„Juiz vos faço, oh poeta,  
Do destino desta flor;  
Para a mais bella e discreta,  
Para a mais digna de amor”.

Talvez a moça esperasse,  
Que eu, esta rosa aceitando.  
Por minha vez lh'a offertasse.  
Seu intento adivinhando.

Mas assim lhe dice: aceito  
Ser da rosa portador  
Para Urania. a quem respeito  
Como a mais digna de amor.



## LXIII.

## A NOITE TEMPESTUOSA.

Que tempo horrivel;

Que noite escura ;

Nem uma estrella

No céo fulgura!

Negros vapores

Vão-se estendendo,

E o espaço enchendo;

Na serra ao longe

Ronca o trovão.

Fuzis scintillam ;

E o vento irado

Nas trevas zune

Desenfreado.

Espessas nuvens  
Que no ar negrejam  
Rotas gotejam  
Pertinaz chuva  
Que alaga o chão.

Noite mais negra  
Minha alma enlucta;  
Maior tormenta  
Cá dentro lucta.  
O quadro horrendo  
Da Natureza  
Mal a fereza  
Exprimir póde  
Do meu soffrer.

Eu neste leito,  
Á dor exposto,  
Somente choro  
Por ver teu rosto.  
Tudo mereces,  
Oh minha bella;

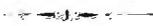
Tu és a estrella  
Que eu só procuro  
Constante ver.

Chovesse embora,  
Não me importára;  
A chuva. o vento,  
Tudo affrontára.  
Nem fôra muito,  
Si a dor cruenta,  
Que me atormenta,  
Não fosse assidua  
Em seu rigor.

Mas ah! não posso,  
Não posso erguer-me!  
Manda um suspiro  
Que venha ver-me.  
Por ti mandado  
Esse suspiro  
Ao meu retiro,  
Daria allivio  
Á minha dor.

Aqui sozinho,  
Para animar-me,  
Comtigo todo  
Quero occupar-me.  
A tua imagem  
Ante mim vaga;  
Ella me afaga;  
E co' um sorriso  
Me faz sorrir.

Teu doce nome  
Pronunciando,  
Meu soffrimento  
Vou acalmando.  
O que mais sinto  
É a inelencia  
Da dura ausencia,  
Que sem remedio  
Devo sentir.



## LXIV

## EU A VEJO.

Aqui mesmo de longe estou vendo  
A senhora do meu pensamento;  
A divina epópéa está lendo  
Do poeta immortal de Sorrento.

Com que nobre attitude sentada,  
Mollemente a cabeça lhe pende;  
Tem a face na dextra apoiada,  
A sinistra o livrinho suspende.

Feiticeiros seus labios se movem,  
As estrophes gentis recitando:  
E os cabellos em cachos lhe ehovem,  
Saltitantes seus hombros beijando.

No agitado respiro do peito,  
No expandir-se das faeces mimosas,  
Lendo estou da poesia o effeito,  
Que só gozam as almas formosas.

Com que graça sorri-se a candura  
Nessa bocca de rosa entreaberta,  
Que realça dos dentes a alvura,  
Qual de perlas da aurora coberta.

E seus olhos! — Oh Deos! felizmente  
Que seus olhos estão recolhidos,  
De relancee lampejam somente,  
Como em nuvens dous sóes envolvidos!

Si os seus olhos agora se erguessem,  
Luz e amor d'ella em torno espargindo,  
Aos que n'elles fitar se atrevessem,  
Seu olhar os iria punindo!

Assim eu fui vencido e punido,  
Só porque uma vez ousei vel-os.  
Mas que dita, oh meu Deos, ser vencido,  
Ser punido por olhos tão bellos.

Nem cubiço ventura mais alta  
Que o ser eu desses olhos captivo ;  
Tenho tudo, já nada me falta ;  
Amo-a emfim, para amal-a só vivo.

Ouve, escuta a quem tanto te adora ;  
Ouve, escuta a quem só por ti chama ;  
Deixa Tasso e Leonor ; pensa agora  
Em dar paz e ventura a quem te ama.

Vê que eu vivo, e que te amo, e que posso  
N'um momento perder a esperança,  
A esperança, esse grato bem nosso  
Que a illudir nos afaga, e nos cança.

Eu tambem sei cantar, sei amar-te ;  
E si versos te aprazem chorosos,  
Chorarei, cantarei a fartar-te ;  
Mas a mim volve os olhos piedosos.

E si lendo esse livro sublime  
De um cantor que amor fez desgraçado,  
Compaixão o teu peito comprime,  
Vê que eu vivo, e sujeito a igual fado.



## LXV

## A AUSENCIA.

Si os meus suspiros voassem  
Co'os meus tristes pensamentos,  
E narrando os meus tormentos  
No teu coração vibrassem ;  
Ficarias commovida,  
Oh minha Urania querida!

Levai, oh echos,  
Aos seus ouvidos  
Meus ais saudosos,  
E meus gemidos.

Ausente de ti, oh bella,  
Só tristeza me rodeia.  
Não vês a noite tão feia.  
Sem lua, sem uma estrella?  
Assim tenho esta alma agora,  
Esta alma que por ti chóra.

Levai, oh echos,  
Aos seus ouvidos  
Meus ais saudosos  
E meus gemidos.

Nesta mansão triste e nua,  
Solitario estou carpindo,  
E assim vou eu consumindo  
Uma vida que é só tua,  
Que é só tua, e que a teu lado  
Melhor tivera empregado.

Levai, oh echos,  
Aos seus ouvidos,  
Meus ais saudosos,  
E meus gemidos.

Qual ligeiro vai fugindo  
Rio no inverno cenoso,  
Pelas aguas caudaloso,  
Sombrias margens cobrindo.  
Assim vai a vida minha  
Turbida, tetrica e asinha.

Levai, oh echos,  
Aos seus ouvidos  
Meus ais saudosos,  
E meus gemidos.

Que de vezes passeando  
Nesta horrenda soledade,  
Consumido de saudade,  
Adormeço em ti pensando!  
Sonho então, e assim só vivo  
Com esse prazer esquivo.

Levai, oh echos,  
Aos seus ouvidos  
Meus ais saudosos,  
E meus gemidos.

Mas este viver me pesa  
Muito mais do que te digo.  
Minha vida está contigo,  
Sem ti da dor eu sou presa.  
Quando o céo ha de ligar-nos,  
Para não mais separar-nos?

Levai, oh echos,  
Aos seus ouvidos  
Meus ternos votos,  
D'alma expandidos.

---

## LXVI.

## O SONHO.

Que bello sonho  
Eu hoje tive!  
Tambem sonhando  
O homem vive.

Era meu leito  
O teu regaço ;  
Meu travesseiro  
Teu lindo braço.

Contra o teu peito  
Tu me apertavas,  
E com teus dedos  
Me penteavas.

Teus bellos olhos  
Que rutilavam,  
Celestes chammas  
Aos meus vibravam.

As nossas almas  
Nesse momento  
Só se nutriam  
De um pensamento.

Eu nesse arroubo  
Não reflectia;  
No céo pairava,  
No céo vivia.

Porém acórdo,  
Oh que amargura!  
Foi mera sonho  
Minha ventura.

Antes, sim antes  
Nunca acordasse;  
Antes eu sempre  
Assim sonhasse.



## LXVII.

## A TRISTEZA.

**P**orque o céu de repente  
Perdeu a sua beleza!  
Donde vem esta tristeza  
Que me envolve o coração?  
    Como o panno mortuario  
    Que sobre a tumba se estende;  
    Ou como a nuvem que pende  
    Pejada de atro bulcão!

Eu não sei. oh minha amada,  
Eu não sei porque suspiro:  
Não sei mesmo si deliro  
No meu excessivo amor.

Mas agora estou tão triste  
Como o misero proscripto,  
Duvidoso, incerto e afflicto,  
Do seu destino no horror.

Temendo assim me definho  
Como o arbusto sequioso,  
Exposto ao sol rigoroso,  
Que morre. sem florescer.

Falla, minha amada, falla!  
Da tua voz á magia  
Renasça minha alegria,  
Extinga-se o meu soffrer.



## LXVIII.

## A RESIGNAÇÃO.

**P**ensativo caminhando,  
Neste bosque me entranhei,  
A solidão procurando,  
Onde na infância brincando  
Horas alegres passei.

Então o meu pensamento  
Se expandia como a flor;  
E o peito, de mágoa izento,  
De amor vozeava ao vento,  
Sem saber o que era amor.

Por estes matos vizinhos  
Gostava de ouvir cantar,  
Saltitantes nos raminhos,  
Os canoros passarinhos,  
Que eu sabia arremedar.

Do Africano a voz ouvia  
Sem bater-me o coração.  
E elle a cavar, carpia  
Do senhor a tyrannia,  
E de escravo a condição.

Agora ao som do machado,  
Que faz o bosque estrugir,  
Esse canto do coitado  
No meu peito magoad<sup>o</sup>  
Vem triste repercutir.

Pobre escravo! Elle se queixa  
Do cruel destino seu,  
Que repousar o não deixa;  
O mundo todo o deleixa,  
E até o deleixa o céo.

Nem sequer a dira sorte  
Lhe permite o querer bem;  
Não tem amigo, ou consorte;  
Nenhum amor que o conforte;  
Nada espera, nada tem!

Tudo perdêo! — liberdade,  
Amor, esperança, e fé!  
Ludibrio da sociedade,  
Que na sua iniquidade  
Cousa vil somente o crê.

Pobre escravo! . . . Elle até pensa  
Que escravo o destino o fez;  
Que disso nada o dispensa,  
Vendo exarada a sentença  
Na cor escura da tez.

E elle lavra, súa, e pena,  
E assim mesmo quer viver;  
E na sua cantilena,  
A trabalhar se condemna,  
Para ao senhor dar prazer.

E eu que vinha lamentar-me,  
Arrepellido entro em mim;  
Vou aos pés de amor prostrar-me,  
A seu mando resignar-me,  
Mais amante do que vim.



## LXIX.

## PRECES.

**T**u, que decretas a vida,  
**E** que és da morte o senhor;  
**Q**ue és a esperança do enfermo,  
**E** a fonte do puro amor;  
**M**anda a meu leito de dores  
**T**eu Anjo consolador.

Dá-me, oh Deos, dá-me saúde,  
Para qu'eu depressa a veja;  
Pois que já tenho no mundo  
Quem por mim saudosa esteja.

Tu tens minha alma ante os olhos,  
E lês em meu coração;  
Vês todos os mais profundos  
Segredos, que n'elle estão:  
Conheces minha humildade,  
E minha fé de christão.

Sobre mim, oh Deos, estende  
Tua dextra bemfazeja;  
Pois que já tenho no mundo  
Quem por mim pedindo esteja.

Si não merecem meus votos  
Aos teus ouvidos chegar,  
Ao menos os votos d'ella  
Possam benigno te achar,  
Ella tão linda, tão pura  
Deve rir-se, e não chorar.

Manda, oh Deos, que o bem perdido  
Restituído me seja;  
Pois que já tenho no mundo  
Quem por mim chorando esteja.



LXX.

## A BELLEZA D'ALMA.

**D**e uma alma sancta, pelo céo formada  
Para o mundo encantar,  
Transluz o brilho no celeste rosto,  
E no pudico olhar.

Assim na margem de sereno lago  
O lyrio virginal,  
Curvando a fronte, lhe reflecte a imagem  
O limpido crystal.

O que ha de bello ahi no humano rosto  
É d'alma o resplendor,  
Como só é do sol o lindo esmalte  
Da mais mimosa flor.

E n'um momento só co'os olhos d'alma,  
N'um rosto como o teu  
Vemos em harmonia o bom e o bello,  
Qual se ostentam no eéo.



## LXXI.

## ELLA E SÓ ELLA.

Si um Genio, ou Anjo, ou Demonio  
Ante mim se apresentasse;  
Si honras, poder, e thesouros,  
E até um sceptro mostrasse:

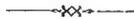
Si me dicesse: — Tudo isto,  
Tudo isto é teu; — mas em troca  
Não ames mais a quem amas,  
E esse teu amor suffoca.

Eu lhe voltara: — Demonio,  
Si mais do que isso eu tivera,  
Sem pezar, sem sacrificio,  
Tudo por ella te dera.

Si me dicesse: — E a gloria,  
Não temes perder por ella?  
— Amal-a, ser d'ella amado  
É minha gloria a mais bella.

Si inda ousado proseguisse:  
— Vate, si amor só tu prezas,  
Por ella farei que te amem  
Á porfia mil bellezas”.

Minha resposta seria  
O desprezo mais profundo.  
A minha adorada Urania  
Para mim é mais que o mundo.



## LXXII.

## O QUE EU SOU.

Quando para mim olhares,  
Não vejas o corpo meu;  
Que este corpo é pó impuro,  
Que um sopro da vida erguêo,  
E que a morte tem seguro,  
Como espolio que é já seu.

Quando para mim olhares,  
Vê-me qual és, qual eu sou,  
Deste corpo mui diverso,  
Onde apenas preso estou;  
Como a criança em seu berço,  
Onde a mãe a enfaixou.

Quando para mim olhares,  
Não para o barro mortal,  
Ver-me-has tão puro, tão bello,  
Como o raio matinal,  
Rompendo o espesso novello  
De trevas no céo brumal.

Eu alma sou, nobre, eterna,  
Nobre, eterno é meu amor;  
De essencia mais alta e forte  
Que do sol o resplendor;  
Pois não é sujeito á morte  
O que é de Deos um fulgor.

Eu alma sou, nobre, eterna,  
Que vim no mundo vagar,  
Até encontrar outra alma  
A quem só devesse amar,  
De quem recebesse a palma  
Do meu tão longo penar.

Eu alma sou, nobre, eterna,  
Alma sou, filha de Deos,  
Que pelo mundo só erra  
Por amor dos olhos teus,  
E que vem dar-te na terra  
Esse amor, que é lá dos céos.

A minha alma amar só deves,  
A mim só deves querer;  
Si o corpo também amares,  
Poderás te arrepender,  
Como quem se lança aos mares  
A ignotas terras ir ver.

A minha alma amar só deves,  
Que ella só sabe sentir  
O amor que tua alma sente,  
E transluz no teu sorrir,  
Como nos mares do Oriente  
Vê-se a perla reluzir.

Mas si julgas que amar debes  
A este corpo tambem;  
Como se ama o pobre alvergue  
Onde habita o caro bem,  
Aos meus olhos os teus ergue,  
Onde por ver-te a alma vem.



## LXXIII.

## A GRANDE SCIENCIA.

**P**óde o genio pesquisando  
Da Natureza os arcanos,  
Achar verdades, dár regras  
Que dirijam os humanos.

Com longo estudo e fadigas  
Se colhe qualquer sciencia;  
Uma só nos custa a vida,  
De pois de longa experiencia.

Uma só nunca se aprende,  
Não tem base, nem limite;  
Cadaqual por si a estuda;  
Não se herda, nem se transmite.

Por mais que o homem caminhe,  
Sempre está no seu começo;  
As lições se contradizem,  
E em tudo encontram empeco.

O que n'um dia se aprende,  
Não serve para o outro dia;  
Na calma a razão se eleva,  
E cede á menor porfia.

É esta Sciencia — o mundo,  
O mundo, em que nós vivemos,  
O mundo, que nos faz guerra,  
O mundo, de quem tememos.

O mundo, livro de enredos,  
De ironia, e subtilezas,  
De illusões, e de sophismas,  
De egoismo, e de vilezas.

De suas lições guardamos  
A lembrança dolorosa,  
E após a lição terrível  
Lá vem uma deleitosa.

Lições que assim se contrastam,  
Uma de outra diferente,  
Ondas são que se succedem,  
E se destroem mutuamente.

Mas entre as lições do mundo  
Ha uma tão soberana  
Que o coração arrebatá,  
E rouba a vontade humana.

Não ha perfume ou veneno  
Que lhe iguale nos effeitos ;  
A sua acção poderosa  
Se estende a todos os peitos.

Affectos mil provocando  
Ora acalma, ora enfurece,  
Ora o juizo perturba,  
Ora inspira, ora embrutece.

Dispõe da mente a seu grado,  
E ás vezes é tão forte  
Que só acha lenitivo  
Na doce idéa da morte.

É Amor! — Mas felizmente  
Para mim todo é brandura!  
A ti devo, oh bella Urania,  
A ti devo esta ventura.



## LXXIV

## NÃO ME ILLUDO.

Com tua voz me animas  
A honrar a patria cara,  
Embocando suberbo a heroica tuba,  
De egregios feitos pregoeira rara.

Ou revocando á scena  
Sanguinolentos factos  
Da historia infausta, e co'um punhal na dextra,  
Incutindo terror, em tristes actos.

Ou mesmo, qual outr'ora,  
Ao som de mesta lyra,  
Livre soltando ao céo vagas monódias,  
No espontaneo cantar que a noite inspira.

No futuro me mostras  
A patria jubilosa  
O nome do seu vate apregoando,  
E erguendo-lhe uma estatua gloriosa.

E ao lado me apresentas  
A inveja envilecida,  
Co' os olhos torvos, e a trincar-se os labios,  
De despeito ao silencio reduzida.

Sublime Urania, eu amo  
A gloria refulgente  
Da patria, mesmo ingrata, e a fronte curvo  
Á sancta inspiração, que abrasa a mente.

Sim, bella Urania, é nobre  
Da poesia o louro!  
Mas para a patria, na cubiça immersa,  
Vale mais que um poema um sacco de ouro.

Estupido usurario,  
Ou de Fazendas dono,  
Senhor de escravos mil, rico mercante,  
Eu lhe déra de mim melhor abono.

Benemerito filho

Eu fôra então dest'arte,

Illustre cidadão, conspicuo e nobre,

Querido e cortejado em qualquer parte.

Ah, não me illudo, Urania!

Assaz cantado tenho,

E ainda cantarei, si ao céo for grato

Dar ignias azas ao meu frio engenho.

Não esperando gloria,

Não premio cubiçando,

Nem applausos, nem posthumas estatuas,

Nem gratidão da patria imaginando.

Mas como as auras gemem,

Como o rio murmura,

Como a flor desabrocha, e as aves cantam,

Tal cantarei por força da natura.

Aspirações da infancia,

Sonhos da mocidade,

Flores, perfumes da esperança illusa,

Tudo sumio-se. á luz da realidade.

Modesto em meus desejos,  
Só amando a virtude,  
E o que digno de amor o céo nos mostra,  
Irei tangendo o meu pobre alaúde.

Mas tu que assim me inspiras  
Com tua voz divina,  
Quanto te devo, Urania! e terno e grato  
Novos cantos por ti amor me ensina.

E que mais digno assumpto  
Que uma alma pura e bella,  
Um rosto encantador, um peito humano,  
Que a celeste harmonia nos revela?

Ah! basta que me inflames,  
E que meu premio sejas;  
E a teu lado cantando as graças tuas.  
Dita, e gloria terei como desejas.



## LXXV

## A ESPOSA INFELIZ.

**P**orque chóra a bella esposa?  
Porque chóra, e se lamenta?  
O que lhe falta? Ao que aspira?  
Porque já nada a contenta?

Como que do hymenêo arrependida,  
Quizera regressar á antiga vida!

Entretanto longos dias  
Ainda se não passaram,  
Qu'ella alegre, e o esposo grave  
Seus juramentos trocaram  
Nas mãos do Sacerdote, que os ouvia,  
E os conjugaes deveres prescrevia.

Ella, como os ares, livre  
Ao Altar foi por seu gosto,  
Coberta de pedraria,  
Mostrando o prazer no rosto,  
E nos olhos o fogo da esperança  
De um porvir de venturas, na abastauça.

Nem pai, nem mãe obrigou-a,  
Nem nenhum poder humano:  
Ella escolheu esse esposo  
Que hoje chama seu tyranno.  
Então de que se queixa a malfadada?  
Porque foi sua escolha desgraçada?

Porque? — Coitada! cegou-se.  
Por amor? — Não, que o não tinha:  
Por esse amor que lhe falta,  
O que não déra a mesquinha?!  
O que agora não déra? — É tarde agora.  
Cegou-se de ambição; tem ouro, — e chóra!

Ella grandezas sonhava,  
E só fortuna queria;  
Cuidando que no consorcio  
O amor era poesia,  
Como um perfume, grato em frescas flores,  
Mas não em diamantinos resplendores.

Ricos brilhantes enfeitam  
Seu peito, como elles frio;  
Que não ha gemmas que possam  
Encher de amor o vasio.  
Muitas talvez lhe invejem a riqueza,  
Que hoje, como um remorso, já lhe pesa.

Que importa em bailes, e festas  
Ostente as pedras do Sérro,  
Ou de Barem grossas perlas,  
Si em casa tudo isso é ferro?  
Antes sem joias, qual saisse, entrasse;  
Mas a festa de amor em casa achasse.

Chorai, chorai. tristes olhos,  
Que falsos bens cubiçastes!  
Ao coração, á idade  
Do homem rico não ollhastes;  
Assim o insecto, que o esplendor só ama,  
Ás trevas fôge, e queima-se na chamma.

Triste esposa, eu me condôo  
Da tua misera sorte.  
Ao lado de teu esposo  
Te crês ao lado da morte.  
Tudo em torno de ti é tétro e feio  
E já um crime nos teus olhos leio.

Em sacros laços eternos  
Ninguem sem amor se prenda;  
A taõ cara liberdade  
Por grandezas não a venda.  
Da perfeita união o iman sagrado  
Stá no amor, puro aceito, e puro dado.

Esse amor, essa poesia,  
É toda a nossa ventura,  
E o melhor ouro que esmalta  
Da vida a baça lisura:  
É o mel, é o aroma da existencia,  
Mais grato que o poder, e que a sciencia.

Quem ama vê a Natura  
Alegre sempre e risonha;  
E do somno no regaço  
Com Deos, e co' os Anjos sonha.  
Não ha torrida zona, ou frio pólo  
Onde Amor não descubra um bello sólo.

Mesmo em lobrega morada,  
Ou no carcere mettido,  
O amante suspira e canta  
Das cadeias ao tenido;  
O amor que n'alma tem como que o afaga;  
Assim Tasso cantou, assim Gonzaga.

Antes amado no carcer,  
E ahí ouvir a voz branda  
Da amante e fiel esposa  
Que um suspiro, um ai lhe manda,  
Do que livre, no mundo, em aurea côrte,  
Desprezado, e trahido; — antes a morte.

Mal haja a infausta cegueira,  
Mal haja a fatal vaidade,  
Que por bens vis e caducos  
Nos rouba a felicidade!  
Deos aparte de uós, oh minha bella.  
Toda ambição que o sancto amor regela.

De meu amor a pureza,  
Urania, bem a conheces;  
Si amor me tens, si amor queres,  
Terás amor que mereces.  
Será nossa união de amor um hymno,  
E Deos protegerá nosso destino.

---

## LXXVI.

## O TRAIADOR.

**E** homem é, quem profanando  
A palavra, e o juramento,  
Póde ir mentindo, enganando  
A quem nem por pensamento  
Tanta perfídia prevê?  
    E depois de conseguido  
    Illudir uma innocente,  
    Ante ella, co`o rosto erguido,  
    Ostentar inda insolente  
    Que a não ama? — E homem é?

E homem é? — Assim da selva

A serpente vencenosa

Vem esconder-se na relva.

Ou sob a flor odorosa,

Onde, quem passa, a não vê.

E ahí prompta morte entalha

No incauto que a flor só via:

E se ergue, e silva, e chocalha

A cauda, por zombaria.

Quem isso imita homem é?

Não; é um monstro. — Não quero,

Nem posso erer que no mundo

Haja um ser tão impio e fero,

De coração tão immundo,

Que homem seja, sendo assim.

Esse não é o retrato

Desta imagem do Deos vivo,

Filho do amor, sempre grato

Ao amor seu attractivo:

E um exemplo tens em mim.

Eu homem sou; e eu te amo,  
E por Deos te certifico  
Que em toda parte proclamo  
Que puro amor te dedico.  
Homem é quem faz assim.

E o que mais; até confesso  
Que te julgo tão sublime,  
Que teu amor não mereço.  
Vê como o amante se exprime:  
E vê que homem tens em mim!

Bem sei que em tua presença  
Um ser de figura humana,  
Com desprezo, e indiferença  
De amor á lei soberana,  
Alardeou de traidor.

Dizendo que o interesse  
Só o havia guiado;  
Que só buscou quem lhe dêsse  
Pasto ao ventre, e doce estado,  
Sem sympathia ou amor.

Mentio então, promettendo

Amor a quem se vendera :

Mentio mais, quando vertendo

Seu veneno, qual elle era.

Fez-te crer o homem traidor.

Mortal sem pejo, na terra

Já te acompanha a desgraça.

A consciencia te aterra ;

E quem sabe que ameaça

Te fez o trahido amor!



## LXXVII.

## A CONSOLAÇÃO.

**O**h divinal criatura,  
Volve ao céo teu pensamento;  
Mostra sereno o teu rosto,  
Como o puro firmamento.

Eu sou teu, e teu somente,  
É só tua a minha lyra;  
Por outra qualquer não creias  
Que hoje d'ella um som desfira.

Arranca esse duro espinho  
Que o coração te agulhóu;  
Dissipa essa falsa idéa  
Que sem cessar te magôa.

Tambem a sombria nuvem  
As vezes cobre as estrellas:  
Mas a nuvem se evapora,  
E ellas resplendem mais bellas.

Assim tu, sempre formosa,  
Por mim sempre idolatrada,  
Hoje te mostras mais linda,  
De nova graça enfeitada.

Que importa que a tempestade  
Hontem o céo perturbasse?  
Que importa que o duro vento  
Uma rosa despencasse?

Hoje o céo está tranquillo,  
Nova rosa o arbusto esmalta.  
Vive como os Anjos vivem,  
Anjo meu, o que te falta?

Eu não mudei; sou o mesmo,  
O mesmo fogo me anima:  
Antes este sacro fogo  
Cada vez mais se sublima.

---

LXXVIII.

O JASMIM.

**B**rancos jasmim redolente,  
Tão puro como a innocencia,  
Tua mesma singeleza  
Agrada á minha existencia.  
Nada perdes por singelo,  
Meu jasmim;  
Mesmo assim  
A meus olhos tu és bello.

Linda côr, vistosa fórma  
Não te dêo a Natureza:  
Mas teu suave perfume  
Suppre a falta de belleza.

Nada perdes por singelo.

Meu jasmim;

Mesmo assim

A meus olhos tu és bello.

Da flor a grata fragrancia  
Vale mais que a formosura;  
Assim mais que um bello rosto  
Vale uma alma honesta e pura.

Nada perdes por singelo,

Meu jasmim;

Mesmo assim

A meus olhos tu és bello.



## LXXIX.

## O BOTÃO DE ROSA.

**R**oseo botão, linda imagem  
Daquelle Anjo de candura;  
Imagem só na frescura  
Só na fragrancia e pudor;  
Vem sentir sobre o meu peito,  
O fogo que me devora,  
E o segredo que aqui mora,  
Saberás, botão de amor.

Antes de vir a meu peito  
N'outro mais frio brilhaste,  
E de certo não murchaste  
N'um peito da tua côr.  
Mas no meu perderás cedo  
Todo o teu bello attractivo;  
Que este peito é fogo activo.  
É peito em que habita amor.

Exhala aqui teu aroma,  
Que esse aroma é tambem d'ella;  
Pois que no seio da bella  
Requintaste o grato odor.  
Mas como vais fallecendo,  
Oh prenda de minha amada!  
Ah! não sejas mais em nada  
Imagem daquelle amor.

---

LXXX.

**O RAMALHETE.**

**E**u ando colhendo flôres  
Para a deosa dos amores,  
Que além espera por mim.  
Já tenho cravos cheirosos,  
Não-me-deixes primorosos,  
E o branco e puro jasmim.

Tenho violetas dobradas,  
Estas cravinas rajadas.

E o fragrante mogorim :  
Para ornar o ramalhete  
Tenho da secia o alfinete,  
E um galhinho de alecrim.

Só a rosa aqui me falta,  
Que só ella não esmalta  
Este tão lindo jardim!  
Mas tambem para que rosas!  
Si as tem nas faces mimosas,  
E em seus labios de setim!



LXXXI.

OS OLHOS DE URANIA.

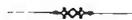
**G**ósto de ver os teus olhos  
Quando pareces pensar.  
Meio-abertos, assombrados,  
Sem muita luz derramar.

**G**ósto de vel-os radiantes,  
Espargindo almo fulgor,  
E nos peitos embebendo  
Alegria, vida, e amor.

Tambem gósto quando exprimem  
A ternura, a compaixão,  
E qualquer ligeiro affecto  
De innocente coração.

Mas quando os volves furtivos  
Para mim, e após aos céos,  
Então é que nada iguala  
Ás graças dos olhos teus.

Então é que mesmo os Anjos  
Nãõ teem uns olhos iguaes;  
Quando assim de amor me inundam  
Então é que gósto mais.



LXXXII.

O BAILE.

**D**as aves o ledo canto,  
Ao sorrir da linda aurora,  
Parece um funebre pranto  
Aos ouvidos de quem chóra.

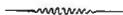
Assim agora esta sala  
Que tanta luz esclarece,  
Todo este aspecto de gala  
Um funeral me parece.

A orchestra a bailar convida  
Com echos desesperados,  
E espectros gyram sem vida,  
Como em dança de finados.

Vultos de negro vestidos,  
E outros de estranhas cores,  
Como phantasmas erguidos  
N'um turbilhão de vapores.

De odores mil, de fumaça  
O ar pesado e cinéreo,  
Cança o olfacto, a vista embaça,  
E recende á Cemiterio.

Neste recinto da insania  
Tudo é triste, tudo é feio :  
Vou respirar juncto á Urania,  
Que a este baile não veio.



## LXXXIII.

## A SUSPEITA.

**D**e depois da ausencia, em que vivi pensando  
Saudoso em ti,  
Aos gratos lares, em que estás, voando,  
Fui, e te vi.

Esta alma anciada, por te ver sedenta,  
Mal que te vio,  
Já como salva de cruel tormenta,  
Prazer sentio.

Prazer tão grande qual talvez só sente  
O viajor,  
Que ardente encontra nessa Arabia ardente  
Agua e verdor.

Mas, ai de nós! que sem de fel mistura  
Prazer não ha!  
Como da rosa, perto da ventura  
O espinho está!

Como qu'eu vi um pensamento triste  
Surgir, vagar  
Sobre o teu rosto, quando tu me viste  
Alegre entrar.

Nem vi teus olhos uma vez ao menos  
Fitos em mim;  
Nem um sorriso, desses tão serenos,  
Que á dor pôem fim.

Então pesada, fria nuvem, densa,  
Qual plumbeo véo,  
Esta alma absorta, de temor suspensa,  
Toda a envolvêo.

Ah! nunca tanto padeci n'um' hora!

Hora cruel!

Falsa alegria eu simulava fóra:

Dentro era fel.

O que será? Sua alma á dor se entrega!

Isto o que é?

Ella um sorriso, . . . ella um olhar me nega?

Então porque?

Seria acaso uma illusão? Quem sabe!

Foi illusão!

Sim, enganei-me; — pois em ti não cabe

A ingratição.

Ah! sempre o susto um forte amor arrasta,

E o faz carpir.

Não te desculpes; — Um olhar me basta.

Basta um sorrir.

Si nos teus labios o sorriso expira,

Temendo estou;

Si me não ólhas, meu amor delira,

E infeliz sou.

Oh amor meu! É muito! — Oh meu encanto  
Celestial!

Nem mais sentio, nem mais amou, nem tanto  
Nenhum mortal.

Eis porque a sombra de suspeita leve  
Me faz tremer,  
Qual treme o lago, e orbes mil descreve,  
Sem mal haver.



## LXXXIV

## O QUE FAÇO.

**O** que longe de ti faço,  
Queres saber?  
Ando inquieto, suspirando,  
Só por te ver.

Pego n'um livro, já n'outro,  
Folheio em vão;  
Nada entendo, e não acalmo  
Minha afflicção.

Então á Musa recorro  
No meu ardor,  
E o que ella diz mal exprime  
Tão grande amor.

Co'a tua imagem presente,  
Sempre a scismar,  
Só quero saber a hora  
De te avistar.

Eis como vivo, si vivo  
Longe de ti.  
Mal sôa a hora de ver-te,  
Estou aqui.

Aqui stou, e o que aqui faço,  
Tu bem o vês;  
Meu coração amoroso  
Pouho a teus pés.

---

LXXXV.

## O PASSADO.

**N**as minhas horas perdidas,  
    **Mal** vividas,  
No tempo em qu'eu não amava,  
A sós co'os meus pensamentos,  
    **Meus** tormentos,  
**Mesmo** acordado sonhava.

Sonhava para enganar-me,  
    **E** furtar-me  
Á triste realidade  
De uma vida amargurada,  
    **Malfadada**  
**Por** cruel fatalidade.

Sonhava, — mas não podia  
A phantasia  
Mesmo sonhando, fingindo.  
Dissipar essa tristeza,  
E a incerteza  
Da vida, que ia fugindo.

Nessas vigílias saudosas,  
Amorosas  
Idéas mal me afagavam;  
E os meus sonhados amores  
Em rigores,  
Em desprezos se mudavam.

Dirias que a minha mente  
Não consente  
Um prazer sem amargura :  
Que a longas mágoas afeita,  
Não se ageita  
A sonhar só co' a ventura.

Dirias      Mas já não digas,  
              Que as antigas  
Mágoas minhas se acabaram.  
Já venturas não supponho,  
              Já não sonho,  
Já meus dias se aclararam.

Por ti, minha Urania bella,  
              Nova estrella  
Raiou no meu horizonte.  
A teu aspecto divino,  
              Meu destino  
Sóbe ao céo qual alto monte.

E o meu céo, outr' ora escuro,  
              Hoje é puro,  
E meigo como o teu rosto;  
E o nevoeiro de outr' ora  
              É agora  
Como um orvalho de gosto.

Qual sai de um mato enredado,  
Trasnoitado  
Em má noite o viandante,  
E a aurora lhe acalma o arquejo,  
Tal me vejo,  
A teu lado, oh minha amante.

A teu lado já não gemo,  
Já não temo  
O rigor da iniqua sorte.  
Por tantos bens o que dar-te?  
Hei de amar-te  
Nesta vida, e além da morte.



## LXXXVI.

## AS LARANJEIRAS.

**H**a um valle longo e estreito,  
Perto do patrio Janeiro,  
Onde sobre parco leito  
Desliza manso ribeiro.

Alto monte de granito  
Ao lado esquerdo se alonga,  
Onde em grupos de palmito  
Geme a candida araponga.

Do outro lado se levanta  
Um monte que ás nuvens toca;  
O sabiá nelle canta,  
Ao murmurio do carióca.

Do longo dorso comado  
De espessa e bella verdura  
Désce á cidade encanado  
Esse rio de agua pura.

No fim do valle sombrio  
Sóbe ao céo como um gigante,  
O Corcovado, que o Rio  
Mostra ao longe ao navegante.

Esse valle triste e bello  
Qual lindo rosto que chóra.  
O sol, temendo offendel-o  
Com brando olhar o namora.

Doce frescor o suavisa  
Quando a pino a luz mais arde;  
Ahi remanseia a briza  
Desde a manhã té a tarde.

Grato perfume o embalsama  
De seus jardins em ladeiras.  
Quem não conhece, e não ama  
O valle das Laranjeiras?

Ahi suave alegria  
Completa minha alma teve  
Um dia inteiro, que dia!  
Tão bello, porém tão breve.

Nunca um dia de ventura  
Será por mim esquecido.  
Inda respiro a frescura  
Desse remanso querido.

Ainda o lembrar-me é grato  
Do cantar dos passarinhos,  
Do susurrar do regato,  
E desses bosques vizinhos.

Arte bella, que copias  
Tão fiel a Natureza,  
Fosses minha, e tu verias  
Que almo quadro, e que belleza!

O sitio é passada a fonte  
Que o nome tem — da rainha;  
Ha outra além, juncta ao monte,  
De agua ferrea, e já mesquinha.

Onde a estrada mais se estreita,  
Das duas fontes em meio,  
Ha uma entrada á direita  
Onde o valle fórma um seio.

Pequena ponte se passa  
Á sombra de uma mangueira;  
E logo a vista devassa  
De casas uma fileira.

A direita, sempre entrando,  
Uma se vê, a do canto;  
É o alvergue venerando  
Que hoje abriga o meu encanto.

A casa não corresponde  
Ao bello ideal que encerra;  
Assim ás vezes se esconde  
O diamante na terra.

No fundo se alça a montanha,  
Corre o regato na frente;  
E uma muralha o acompanha  
Que o assoberba na enchente.

Este fundo de paizagem  
Não ficaria sem vida;  
Realce lhe dera a imagem  
Da minha Urania querida.

E porque nada faltára  
Á bella scena passada,  
Absorto ahi me pintára,  
Eu em pé, ella sentada.

Sentada sobre esse muro  
Que o pobre rio domina,  
Vestida de branco puro,  
Toda angelica e divina.

Seu rosto de leite e rosas,  
De um contorno o mais perfeito;  
E as madeixas buliçosas,  
Que em cachos beijam-lhe o peito.

Com elles brincando o vento  
Parece que se deleita;  
E a qualquer seu movimento,  
Com nova graça os ageita.

Olhos escuros, radiantes  
De vida, e de intelligencia,  
Como dous grandes brilhantes  
Da mais pura transparencia.

Mas ao travez dessa chamma  
Outra fulgura mais calma,  
Outra ainda mais inflamma,  
É o fulgor de sua alma.

É esse fulgor divino,  
Que o mais casto amor inspira;  
Esse amor que é d'alma um hymno,  
Que não acha echo na lyra.

Nem a voz humana exprime  
Esse amor que a alma arreбата,  
Nem poesia sublime  
Tão bello fulgor retrata.

Nariz pequeno e discreto,  
Bocca breve e graciosa,  
Exprimindo o brando affecto  
Da candidez amorosa.

Qual se imagina uma Fada  
Que apparece na espessura,  
Tal eu a vejo sentada  
No meio desta verdura.

A mim voltado o seu rosto,  
E esses olhos tão serenos,  
Onde a sombra de um desgosto  
Nunca vi passar ao menos.

Que mais direi? Mais não posso;  
Nem pintar ousou o que falta;  
Sinto um interno alvoroço,  
E minha alma ao céo se exalta.

Esse quadro eu o daria  
A quem me fez venturoso,  
A quem dêo-me um almo dia  
Neste sitio tão saudoso.

Possam outros amadores,  
Visitando estes logares,  
Achar tão gratos amores,  
Tão puros, tão exemplares.

Possa inda eu neste remanso  
Poetizando a teu lado,  
Achar da vida o descanso,  
Sempre amando, e sempre amado.



## LXXXVII.

## A BORBOLETA.

**F**ugir deixa, não apanhes  
A borboleta mimosa,  
Que dura menos que a rosa,  
E quer a vida gozar,  
Beijando as flores do campo,  
Que depressa vai deixar.

**F**oge, escapa, oh Borboleta!  
Teme o lenço,  
Que suspenso  
Te atropella;  
Foge á bella  
Que te inquieta,  
Deixa Urania a mim voltar.

Porque é gentil, porque é linda,  
Porque tem ceruleas azas,  
Persegui-a não te aprazas,  
Para após vel-a expirar;  
Ah! não queiras que em teus dedos  
A morte venha ella achar!

Foge, escapa, oh borboleta!

Teme o lenço

Que suspenso

Te atropella;

Foge á bella

Que te inquieta;

Deixa Urania a mim voltar.

---

Deixa essa flor adejante,  
Capricho da Natureza,  
Ostentar sua belleza,  
Que tão pouco ha de durar;  
Curtos instantes de vida  
Tem ella para brilhar.

**Foge, escapa, oh borboleta!**

**Teme o lenço**

**Que suspenso**

**Te atropella;**

**Foge á bella**

**Que te inquieta;**

**Deixa Urania a mim voltar.**

---

**Essa poeira animada,**

**Subtil, fugaz, radiante,**

**Que tão douda vai errante**

**E após te leva a brincar.**

**É o emblema da ventura**

**Que não podemos fixar.**

**Foge, escapa, oh borboleta!**

**Teme o lenço**

**Que suspenso**

**Te atropella;**

**Foge á bella**

**Que te inquieta;**

**Deixa Urania a mim voltar.**

---

Assim são nossos prazeres,  
Lindas nuvens de vapores,  
Fugitivos, seductores,  
Que se vão todos em ar!  
Ah! não me fujas com elles  
Vem a meu lado pousar.

Foge, escapa, oh borboleta!  
Teme o lenço  
Que suspenso  
Te atropella:  
Foge á bella  
Que te inquieta;  
Deixa Urania a mim voltar.



## LXXXVIII.

## UM ADEOS.

**F**oi bello o dia! bem festivo e alegre!  
Mas já nos fôge, da ventura imagem.  
Fôge, e nos deixa por adeos saudoso  
Humida aragem.

Que hora tão triste! A Natureza inteira  
Como que chóra seu perdido encanto;  
E já de trevas pelo céo se estende  
Tétrico manto.

O verde bosque, tão florido ha pouco,  
Onde cantava o sabiá canoro,  
Acervo immenso de phantasmas negros  
Mostra-se agora.

Por entre os troncos o terral soprando  
Morno cicía, e na folhagem treme,  
E o mar ao longe, a convulsar na praia,  
Lugubre geme.

Filhas da noite, que co'as sombras surgem,  
Pardas esphynges doudejando vôam;  
Das rãs, dos gryllos mil confusas vozes  
Funebres sôam.

De vez em quando da coruja os guinchos,  
Descompassados, predizendo azares,  
Como gemidos de arquejante peito,  
Rompem os ares.

Pallida lua nem sequer alveja;  
Frouxas estrellas nem sequer scintillam;  
Só pyrilampos, quaes funereos lumes,  
Fátuos fuzilam.

Toda essa dor, toda essa mágoa e lucto,  
Que mesta agora a Natureza ostenta,  
Tenho-a nesta alma, que a seu mal sensível  
Mais se lamenta,

Aqui nesta alma mais negreja a noite,  
Mais geme agora a Natureza oppressa.  
Da despedida o doloroso instante  
Como se apressa!

De dor estalo, de saudade anceio,  
Nesta hora horrenda em que deixar-te devo  
Adeos, Urania! — O coração cá fica,  
Mágoas só levo.



LXXXIX.

A MEDALHA.

**D**a regia mão protectora,  
Que o sceptro, entre nós, sustenta,  
Recebi esta medalha,  
Que sua effigie apresenta.

Vê-lhe o reverso — É um premio  
Pelo Monarcha outorgado,  
Por ter eu da nossa historia  
Um episodio traçado.

Esta aurea medalha pede  
Não declinar da grandeza;  
Veio do throno, e a consagro  
A ti, altar da belleza.

Daquella mão soberana  
Grato me foi recebê-la,  
Para poder offertar-te  
Ufano esta mão com ella.



XC.

A ESPERANÇA.

**E**sperar! — Ah! muito custa  
O esperar de dia em dia!  
É um viver duvidoso  
Entre prazer, e agonia.

E os dias se vão passando,  
Só não chega o da esperança;  
E quanto mais a alma espera,  
Mais atormenta a tardança.

Outr'ora eu nada esperava,  
E vivia descaçado;  
Co' a minha melancolia  
Já me havia habituado.

Mas veio amor acenar-me  
Nos teus olhos co' a ventura;  
Ora duvido, ora creio  
Nesse bem qu'elle me augura.

Assim do mar sobre as ondas  
Jaz o naufrago boiando;  
Uma para a praia o arroja,  
E já outra o vai levando.

E nos vaivens dessas vagas,  
Si inda a esperança o sustenta,  
Mais o horror se redóbra  
Da lucta fera e cruenta.

De que lhe serve a esperança,  
Si elle ás ondas mal resiste?  
Si não ha quem o soccorra?  
Si a praia tão longe existe?

Lançai ao naufrago um lenho,  
Por que a esperança o não mate,  
Nesse lutar da agonia,  
Das ondas no duro embate.

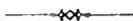
A mim, que como elle espero,  
Dá-me uma voz que me anime;  
Dize ao menos: — Serei tua.  
Assim é que amor se exprime.

Assim se exprime quem ama,  
Animando o bem amado,  
Que nos vaivens da esperança  
Vaga continuo agitado.

Amor te inspire a palavra  
Com que possas consolar-me.  
Si eu sou teu; si tu és minha,  
Porque mais atormentar-me?

Porque viver esperando  
O bem que me é promettido?  
Ha sempre dor na esperança;  
E assaz já tenho soffrido.

Falla, dize, manda, ordena,  
Qu'eu farei o que diceres;  
Até a esperar soffrendo  
Morrerei, si tu quizeres.



## XCI.

## A ILLUSÃO.

**F**eliz tempo dos meus primeiros annos,  
Em qu'eu cuidava que a maior ventura  
Era ser conhecido entre os humanos  
    Como filho amado  
    Da bella Natura,  
    Por Deos inspirado  
    Do excelso talento  
    Da sancta poesia;  
    A cujo alto accento  
    O mundo abalado  
    Seguia a harmonia:

E proclamava que quem tange a lyra  
E um Anjo entre os homens disfarçado,  
Cuja augusta missão só Deos inspira.

Feliz tempo em que o sol se me antolhava  
Como um astro sem mancha, corruscante,  
Luz eterna que nunca se eclipsava.

Eu n'elle só via  
Um plaustro brilhante  
Que Deos conduzia,  
E sempre gyrando,  
Sem outro destino  
Que ir tudo animando,  
O espaço enchia  
De um fogo divino.

Tal eu cuidava ser do genio a sorte!  
Então nódoas no sol não descobria;  
Hoje sei que tudo é sujeito á morte!

Tudo o que vive, tudo o que respira  
Tem principio, e tem fim; murcham as flores,  
A luz se apaga, o universo expira!

Que vale a belleza,  
Que valem amores,  
Si em nada ha firmeza?  
Do que serve a gloria,  
Ganhada n'um'hora,  
Si é tão transitoria?  
Renome, grandeza,  
Tudo se evapora.

Mas contra a lei de Deos não murmuremos;  
Imitemos, oh bella, a Natureza,  
E na taça de amor o mel libemos.



XCII.

NINGUEM.

**Q**uando estou co'a minha amada,  
Quer a veja passeando,  
Quer em pé, quer assentada,  
Quer sorrindo, ou quer fallando,  
Minha alma magnetisada  
A vai sempre acompanhando.

Ao mago in̄fluxo  
Obediente,  
Ao seu capricho  
Só pensa e sente.

Vós, que sobre a terra amais,

Mortaes;

Vós, Anjos, que amais nos céos

A Deos;

Vós, que de amor entendeis,

Sabeis

Si eu posso amar inda mais?

Si eu não posso, póde-o alguém?

— Ninguem!

---

Quando ella ao som do piano,

Que ao toque suave geme,

Das harmonias o arcano

Revela na voz estreme,

Minha alma como o oceano

Se espraia a ouvil-a, e treme.

De cada nota,

Que vai fugindo,

Echo é minha alma

Que a vai seguindo.

Vós, que sobre a terra amais,

Mortaes;

Vós, Anjos, que amais nos céos

A Deos;

Vós, que de amor entendeis,

Sabeis

Si eu posso amar inda mais?

Si eu não posso, póde-o alguém?

— Ninguem!

---

Quando nos labios lhe expira

O terno, e`ultimo accento,

E ella me vê, e respira

Para tomar novo alento,

Então minha alma suspira,

E entra em sí nesse momento.

O ar, que seu peito

Sólta inda quente,

Meu peito o absorve

Sofrego, ardente.

Vós, que sobre a terra amais,

Mortaes;

Vós, Anjos, que amais nos céos

A Deos;

Vós, que de amor entendeis,

Sabeis

Si eu posso amar inda mais?

Si eu não posso, póde-o alguem?

- Ninguem!



## XCIII.

## ESTUDO DA NATUREZA.

**P**elas varzeas e collinas  
Vão os sabios curiosos  
Em busca de insectos novos,  
Ou de flores peregrinas.

Alguns nos bosques se entranham  
Após lindos passarinhos;  
Borboletas, e raminhos,  
E tudo o que é raro apanham.

No estrellado firmamento  
O telescópio apontando,  
Outros estão computando  
Dos astros o movimento.

Nas ruínas das cidades,  
Tristes vítimas da guerra,  
Muitos revolvem a terra  
Em busca de antiguidades.

Quantos além se aventuram  
Por essas zonas geladas,  
Ou dos montes nas camadas  
Do mundo a idade procuram.

Taes á fragoa ardente expostos,  
Densos corpos diluindo,  
Sagazes vão descobrindo  
Novos simples e compostos.

Tudo indaga o engenho humano,  
No céo, na terra, e nos mares;  
E prodígios a milhares  
Descobre em tão nobre afano.

Como admira, e se extasia  
Diante da Natureza,  
Que mostra tanta belleza  
Em tudo o que faz e cria!

Cheio de amor e desvelo,  
Nesse enlevo que o arrebatá,  
Com penna egregia relata  
As harmonias do bello.

Então o sabio lamenta  
Que lhe falte a poesia,  
Para cantar a harmonia  
Que tanto a Natura ostenta.

Uma Eterna omnipotencia  
Proclama tão bello estudo.  
Que Deos se revela em tudo,  
Tanto á fé, como á sciencia.

Tambem a amor se revela,  
Que é Deos quem amor inspira.  
Quem mais ama mais admira  
A obra de Deos tão bella.

Eu tambem a Deos me elevo,  
Tambem estudo a Natura;  
Pois que a tua formosura  
Amo, contemplo, e descrevo.



## XCIV

## A SCIENCIA E O AMOR.

Os sabios pensando no humano destino,

No bem, e no mal,

No abysmo se entranham do arcano divino,

Da sciencia ao fanal.

Propoem mil problemas, que a mente descobre,

Sem nunca attingir

A luz que nas trevas mal brilha, se encobre,

Com fátuo luzir.

Porque sobre a terra o homem se arrasta

Sonhando co'o céo?

E ardendo em desejos, já nada lhe basta

De tanto que é seu?

Porque Deos que é todo bondade infinita,

Saber, e Poder,

O faz neste mundo, qual raça proscripta,

Nascer, e morrer?

Porque dêo-lhe um corpo, que é só de ar formado,

E ha de ser ar,

Como um vil cadaver, a que vive atado,

Só para o offrontar?

Porque, dêo-lhe essa alma sublime, accessivel

Á voz da Razão,

Co'a livre vontade, e um peito sensivel

Sujeito á paixão?

Porque, sendo a vida tão curta e precaria,

Tão cheia de dor,

Temendo elle a morte, em guerra nefaria

A vai louco expor?

Porque como um cego, máo grado a sciencia,

O homem não vê

Qual é seu destino, qual é sua essencia?

Porque? e porque?

---

E esse porque vai passando  
De uma a outra geração,  
E cada qual a seu modo  
Lhe dá uma solução.

Tal diz que Deos fez o homem  
Para sua eterna gloria;  
Porém que d'elle a existencia  
Como tudo é transitoria.

Tal diz que um furtivo acaso,  
Que é de tudo a causa, e o ser,  
De gráo em gráo, sem destino,  
Fez da terra o homem nascer!

Tal, mais alto a vista erguendo.  
Cavando serio no assumpto,  
Vê em sí uma harmonia,  
E do Universo um transumpto.

E ahi a Razão lhe mostra  
Um principio divinal,  
Que pensa, e ama, e não póde  
Ser, como o corpo, mortal.

Tal lhe prescreve um destino,  
Tal já outro lhe prescreve:  
E como verdades puras  
Dá o sabio quanto escreve.

E o homem vai seu caminho  
Fazendo o que Deos lhe diz;  
Que a impotente liberdade  
Não vale no que Deos quiz.

Posto que livres sejamos,  
Nem tudo fazer podemos;  
Ás leis divinas e eternas  
Livres mesmo obedecemos.

Embora se cança o sabio  
No seu continuo scismar;  
Espere a luz da verdade  
Quando este engano deixar.

Espere, que esse desejo  
De conhecer a verdade,  
É um instincto divino,  
Que o eleva á Divindade.

---

Tambem eu meditei, oh minha amada,  
E quiz tambem  
Saber porque dos vivos na morada  
Um Deos nos tem.

Tambem dos sabios imitando o estudo  
Com todo o afan,  
Noites passei só lendo, e quedo, e mudo,  
Té de manhã.

Perguntei ao meu corpo: o que é a vida?  
Como e porque  
Essa materia inerte é convertida  
Nisso que elle é?

Perguntei porque lei se fórma e cresce  
Des que nascêo,  
E sempre a renovar-se, desperece  
O corpo meu?

Perguntei a mim mesmo, como em sonho,  
Sem meu querer,  
Vejo outros mundos, n'elles me supponho,  
Sem nada haver?

Perguntei a minha alma: si sonhando

Póde criar,

Quem lhe diz que o que vê melhor velando

Não é sonhar?

Perguntei a Razão, e a Natureza,

O que era, e sou?

O que é o bem e o mal nesta deveza

Onde ora estou?

A tudo perguntei, donde eu viria?

Porque nasci?

Qual será meu destino? e onde eu iria

Depois daqui?

---

E esse porque terrível repetindo,

Já cansado, aturdido, e todo absorto,

Como que eu me sentia ir fugindo

De meu corpo já morto.

Do passado a memória se apagava,

Do futuro a esperança se extinguiu:

Eu como que em outro Eu me transformava,

E ainda me sentia!

E eu era como um ponto entre o passado  
Já extinto, e um futuro sem começo,  
Todo presente, indefinito estado,  
Ao natural avesso.

E inda assim o porque indefectível  
Me occupava o pensar continuamente;  
E nesse mundo, apenas conceptível.  
Não repousava a mente.

---

Quando eu pensava  
Neste mysterio,  
De dia e noite,  
Sem refrigerio,  
Clarão divino  
Me apparecêo,  
E o meu destino  
Esclarecêo.

Vi, minha Urania,  
Teu lindo rosto!  
Minha alma absorta  
Tremêo de gosto;

Dentro do peito  
O coração  
Sentio o effeito  
Dessa visão.

De um poder novo  
Todo o attractivo  
Soprou-me n'alma  
Um fogo vivo:  
Fiquei sabendo  
Porque nasci  
Alegre vendo  
Meu Bem em ti.

O Amor Eterno  
Que tudo cria,  
Si Amor não fosse  
Não nos faria.  
Nossa existencia  
E toda amor,  
Qual é a essencia  
Do Criador.

Isto que os homens  
Chamam belleza  
É sua sombra  
Na Natureza:  
E este complexo  
Crido real,  
É um reflexo  
Do ideal.

O amor na terra  
É mera prova,  
É um ensaio  
Da vida nova.  
Veros amores  
Nesse porvir  
Os amadores  
Irão fruir.

Não, não; a morte  
Não nos separa;  
Além ha vida,  
Ha luz mais clara.

A ella accesso  
É o morrer,  
É um processo  
Do renascer.

Os que no mundo  
São mais amantes  
Irão unidos,  
Mais radiantes;  
Amor mais forte  
Lá irão ter,  
Sem já da morte  
Nada temer.

Deos só nos manda  
Que muito amemos;  
E assim amando  
O merecemos;  
Elle é o premio  
Do vero amor;  
E no seu gremio  
Expira a dor.

Tal é, oh Bella,  
Nosso destino!  
O céo me inspira  
Quanto imagino.  
Do amor no estudo  
Consiste o Bem;  
O mal é tudo  
Que amor não tem.

O Bem só amo,  
O Bem desejo,  
O Bem agora,  
Em ti só vejo.  
Quero a teu lado  
O Bem gozar,  
E ser amado,  
E sempre amar.

Si tu desejas  
Ser venturosa,  
Ama a quem te ama,  
E esta alma espósa :

Eterno unamos  
Teu ser e o meu,  
Dos dous façamos  
Como'um só Eu.



XCV

**SOU AMADO!**

**Sou amado! Oh que ventura!  
Oh prazer celestial!  
Oh deleite immenso, interno,  
Que excede o peito mortal!  
Deos sempiterno!  
Que gozo tão profundo  
Concedes aos mortaes, mesmo no mundo!**

Sou amado! Não duvido;  
Ella o dice, amado sou!  
Ingenuã como a innocencia  
Seu amor me confessou!  
Deos de clemencia,  
Eu grato reconheço,  
Que me dás muito mais do que mereço.

Duvidarei do que vejo,  
Mas não do que ella me diz.  
Ella é a pura verdade;  
Sou amado! Sou feliz!  
Deos de bondade,  
Faze qu'eu a seu lado,  
Seja sempre fêliz, e sempre amado.

Ella só amor sentia  
Por sua mãe, e por Deos!  
Para tão sacros objectos  
Eram só os dias seus.  
Deos dos affectos,  
O que ella amava outr'ora  
Faze que juncto a mim mais ame agora.

Ella nem sequer sonhava  
Ser vencida de outro amor;  
Que tão grande era a pureza  
Dessa vida tão em flor.

Deos da belleza,

Faze que este amor novo

Seja igual para ella ao bem que eu provo.

Esse amor tão novo e ardente,  
Que ella antes nunca sentio,  
Sou eu o ente ditoso  
Que o inspirou e attrahio!

Deos bondadoso,

Faze que eu a mereça,

Que ella jamais por mim soffra e padeça.

Eu sou seu amor primeiro,

Sua unica afeição!

Oh! de prazer não estales

Meu ditoso coração!

Oh Deos! meus males,

E minhas agonias

Por ti, por ella, em paz deixem meus dias.

Da gratidão o perfume  
De meu peito suba ao céu;  
Deos o aceite, e Deos proteja  
A quem puro amor me dêo:  
Que sempre seja  
Feliz a sua sorte  
Nesta vida a meu lado, e além da morte.



XCVI.

## CANTICO DO ESPOSO

NO DIA NUPCIAL.

Quem n'um jardim de peregrinas flores,  
Mesmo de longe olhando,  
Não vê brilhar, sorrir-se entre os verdores,  
A pudibunda rosa  
Pela aurora aljofrada,  
Qual virgem para as nupcias enfeitada?  
E fresca, e odorosa,  
A aura que em torno adeja,  
E tão de leve a beija,  
Está embalsamando;  
Como que agradecida á Natureza,  
Quer pagar com perfumes a belleza!

Assim no gentil bando  
De tantas bellas, rico céo de amores,  
Que aqui vai ostentando  
Encantos e primores,  
Uma só vejo, como a flor fragrante,  
Que de todos attrai o olhar amante.

Meus olhos, sem parar nesta ou naquella,  
Por amor dirigidos,  
Certeiros vão a ella,  
E n'ella só se embebem attrahidos !  
Assim de arco robusto a setta alada,  
Por mão de habil frecheiro disparada,  
No justo ponto abica  
Onde a manda o senhor, que immovel fica.

Eil-a de branco vestida,  
Qual bella estatua de neve,  
Que á terra do céo descida,  
Ninguem, nem mesmo de leve,  
A pôr-lhe os dedos se atreve,  
Por não vel-a polluída!

Eil-a! Como é tão bella!  
Tudo em torno se eclipsa e desmerece.  
De niveas flores virginal capella  
A fronte lhe guarnece.  
Véo nupcial, diaphano e rorante  
Da cabeça lhe cai, mal encobrimdo  
O escuro alambre da madeixa ondeante,  
Que mais faz realçar o rosto lindo!  
Assim vapor aéreo,  
Sem da lua occultar o disco argenteo,  
Vai deslizando pelo espaço ethéreo.

Eil-a! Toda é candura!  
Ella toda é pudor,  
Que inspira com brandura  
Religioso amor!  
Seus olhos co'o pendor da honestidade,  
Como temendo parecer vaidosos  
De tanta formosura,  
Curvam-se ao peito, alcáçar da bondade;  
E ao travez dessas palpebras descidas,  
Como dous roseos pétalos viçosos,

Transluz sua alma pura,  
De pejo enchendo as faces encendidas:  
Assim contida em globo de alabastro  
Transpira a luz, e se assimilha a um astro!

Tão sublime e primorosa  
Como o arroubo da poesia,  
Como a imagem graciosa  
Que a mente do vate cria,  
Quando vaga a phantasia  
Na enlevação amorosa!

---

Oh! como é bella! — Bella como a aurora  
Quando em seu acordar  
Do céu ólha, e se espelha, e se namora  
No limpo azul do mar.

Oh! como é bella! — Assim no Eden viçoso  
A primeira mulher,  
Logo ao sair das mãos do Poderoso,  
Assim devia ser!

Oh primor de belleza e de candura!

Oh prodigio de Amor!

Divinal concepção, idéa pura

Do Eterno Criador!

Como é bella, oh meu Deos! Tu que a formaste

Tão perfeita, e sem par,

Porque entre os Anjos teus a não guardaste,

Só para te adorar?

Para esmalte da humana natureza,

Senhor, déste-lhe o ser;

E eu que vejo esse typo de belleza

Que mais posso querer?

A Natureza toda me parece

Sem ella entregue á dor;

Mas si seu rosto placido apparece

Tudo é luz, tudo amor.

---

Oh lua, oh estrellas,

Oh céos, ah! dizei,

Si eu vélo, ou si acaso

Sonhando estarei?

Nunca tão pura,  
Nunca tão bella  
Brilhou estrella  
No azul do céu.  
Nunca em roseira,  
A Amor sorrindo,  
Assim tão lindo  
Botão se erguêo.

Em lago argenteo  
Cysne garboso  
Tão gracioso  
Jamais pairou.  
Sublime artista  
De Amor dilecto  
Tão puro objecto  
Nunca ideou.

Em seu semblante  
Tudo é ventura,  
Tudo é candura,  
Tudo é pudor.

Alma celeste  
Lhe anima o rosto,  
Que é um composto  
Que inspira amor.

Ai de quem lhe ouve  
A voz canora,  
Que se evapora  
Em brandos sons ;  
Livre escutando-a  
Ninguem persiste,  
Ninguem resiste  
A tantos dons.

Oh lua, oh estrellas,  
Oh céos, ah! dizei,  
Si eu vélo, ou si acaso  
Sonhando estarei?

---

E meus olhos de luz se embriagam,  
E minha alma de amor se extasia,  
Odorosos favonios me afagam,  
E me exalta celeste harmonia!

E n'um vasto clarão eu só vejo  
Ella só; — tudo mais eclipsado!  
E em meu peito se accende um desejo  
De viver, e morrer a seu lado.

O desejo que sinto é tão forte  
Que vencera o contrario destino.  
Mas, oh Deos! minha prospera sorte  
Lendo-a estou no seu rosto divino.

Minha Urania! Anjo meu! minha vida!  
Minha Urania! E sou eu tão ditoso?  
Meu amor, oh Urania querida!  
Amor meu! — E eu serei teu esposo!

Oh Deos! o que digo?  
Sonhando estarei?  
Como é que ás alturas  
Do céo me elevei?

Que nuvens me cercam?  
Onde é que eu estou?  
Meu corpo? . . . que é d'elle?  
Só alma é que sou!

Que chammás me abrasam!

Que fogo! que ardor!

Amor me devora,

Deliro de amor!

Oh lua, oh estrellas

Oh céos, ah! dizei,

Si eu vélo, ou si acaso

Sonhando estarei?

Não; não sonho! Eil-a a meu lado!

Eil-a, real aqui stá!

Eil-a que me diz: — Sou tua!

Eil-a que a dextra me dá!

Eil-a que na sua fronte

Permitte um osculo meu!

O primeiro que meus labios

Imprimem no rosto seu.

Eil-a que chóra e sorri-se,

E me faz sorrir, chorar!

Eil-a, para sempre é minha,

Para sempre, e sempre a amar.

Eu, que em meus sonhos de vate  
Criára um ente ideal,  
Como não terei esta alma,  
Vendo-a agora tão real!

Tão real, e minha esposa!  
E não morro de prazer?  
Não; que a maior maravilha  
É com tal gosto viver!

Oh lua, oh estrellas,  
Oh céos, ah! sabei  
Que ella é minha esposa,  
Que esta alma lhe dei!  
Na vida e na morte  
Só d'ella serei.



## XCVII.

## A EXULTAÇÃO.

**E**xulta, exulta, oh coração! — Exulta!

Que mais queres agora?

Já da incerteza a nevoa não occulta

Da tua flicidade a linda aurora.

A tua sorte varia,

Melancolica outr'ora,

Á maga voz da minha bella Urania

Radiante fixou-se! — Exulta, exulta.

Entôa, minha alma, um hymno

Divino,

Um hymno de gratidão,

Que seja na terra ouvido,

E erguido

Té dos Anjos á mansão.

Neste mundano valle,

Neste viver de dores,

Ora pisando espinhos, e ora flores,

Não ha prazer que ao meu prazer iguale!

Oh! que do vate o peito

Para tanto prazer é vaso estreito!

Entôa, minha alma, um hymno

Divino,

Um hymno de gratidão,

Que seja na terra ouvido,

E erguido

Té dos Anjos á mansão.

Não ha ventura e gloria que hoje inveje,  
Nem mais bens qu'eu deseje.  
Com este amor, oh Deos, eu me contento!  
E si o meu coração mais cobiçasse,  
Eu lhe dicera: — coração sedento,  
Melhor fôra que a vida te faltasse:  
Não és meu coração; tu és indigno,  
Que fosse o céo contigo tão benigno.

Entôa, minha alma, um hymno  
Divino,  
Um hymno de gratidão,  
Que seja na terra ouvido  
E erguido  
Té dos Anjos á mansão.



XCVIII.

A PRIMAVERA E O AMOR.

Sabes tu, oh minha amada,  
Porque toda a Natureza  
A nossos olhos ornada  
Ostenta tanta belleza?

Sabes porque estas flores,  
Ao dia desabrochando,  
Para nós gratos odores  
Como que estão exhalando?

Sabes porque perfumados  
Estes ares nos parecem?  
Porque estes raios dourados  
Docemente nos aquecem?

Sabes porque estas aves  
Tão brandamente gorgêam?  
Porque essas notas suaves  
Tanto agora nos recreâm?

Sabes porque em teu peito  
O coração expandido,  
Todo alegre e satisfeito:  
Deos! exclama agradecido?

Cuidas tu que a primavera  
É quem causa essa alegria?  
Que ella só produz e gera  
Esta pomposa harmonia?

Não, caro amor adorado!  
Si tudo tão bello achamos,  
É que amor nos tem ligado,  
É que eu e tu nos amamos!

Tudo é bello, oh minha bella,  
Aos olhos de dous amantes!  
Feliz será nossa estrella  
Si no amor formos constantes.



XCIX.

**A VENTURA.**

**Ao céo piedoso, que nos ouve e attende,**

**Ingratos não sejamos.**

**Publiquemos seus dons: d'elle depende**

**O bem de que gozamos.**

**Falla, meu coração; dize a verdade,**

**Dize a todos que adoras;**

**Dize que achaste enfim a flicidade,**

**E que hoje já não chóras.**

Dize que da tristeza a mão gelada,  
Que outr'ora te opprimia,  
Fugio, qual fóge a noite apressurada  
Mal rompe a luz do dia.

Dize que só de amor ao toque ingente  
Nascêo tua ventura;  
Que no mundo mais vive quem mais sente  
Amor á formosura.

---

C.

## O ADEOS Á LYRA.

Descança, oh lyra,  
Que assaz vibraste,  
Assaz gemeste,  
E acompanhaste  
O meu cantar.  
Agora é tempo  
De repousar.

Nem sempre muna  
Perenne a fonte ;  
Secca-se o rio,  
O prado, o monte  
Perde o verdor ;  
Aos astros mesmos  
Mingoa o fulgor.

Nem sempre as aves  
Cantam amores;  
Definha o campo,  
E aroma e flores  
Nem sempre tem.  
O peito humano  
Cança tambem.

Como a Natura,  
Tambem resfria  
O estro ardente,  
A phantasia,  
E o coração;  
Até que volte  
A inspiração.

Dos meus amores  
Lyra sonora,  
Fiel amiga,  
A custo agora  
Te deixo emfim.  
Mas ah! não posso  
Deixar-te assim.

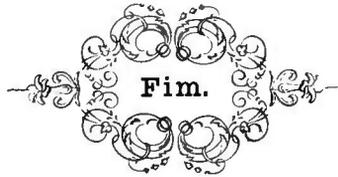
Um canto ainda  
Por despedida,  
Junctos soltemos,  
Lyra querida,  
Que eu tanto amei:  
Lyra, que á Urania  
Terno votei.

Jamais meus dedos  
Te envileceram,  
E indignos cantos  
Te constrangeram  
A repetir;  
A alma mais pura  
Te póde ouvir.

Com que ternura  
Eu te abraçava,  
Quando inspirado  
Te sustentava  
Nos braços meus!  
Quanto me custa  
Dizer-te adeos.

O adeos? Ah nunca.  
Não, não t'o digo!  
Amada lyra,  
Sempre contigo  
Quero viver;  
Contigo ao lado  
Quero morrer.

E quando eu desça  
Á sepultura,  
Tu, sobre a lagea  
Da cobertura,  
Dize: — Aqui jaz  
De Urania o vate  
Na eterna paz.



## INDICE.

		PAG.
	<b>Á Urania. Dedicatoria</b>	<b>1</b>
I.	O Anagramma	3
II.	Hymno ao Amor	7
III.	A Apparição	15
IV.	A Visão	19
V.	13 de Agosto	21
VI.	A Voz canora	25
VII.	Os olhos chorosos	27
VIII.	O Destino	29
IX.	Não sentes tu amor?	31
X.	A borda do mar	33
XI.	O Extase	37
XII.	O Poder da Belleza	39
XIII.	O Valor vencido	43
XIV.	A Margem de um Arroio	47
XV.	A Lei universal	51
XVI.	Um Voto	53
XVII.	A Predicção da Cigana	55
XVIII.	A Natureza	59
XIX.	O Meu Desejo	61
XX.	Cantemos um Sim	65
XXI.	Do que me queixarei?	69
XXII.	A Cantata	73

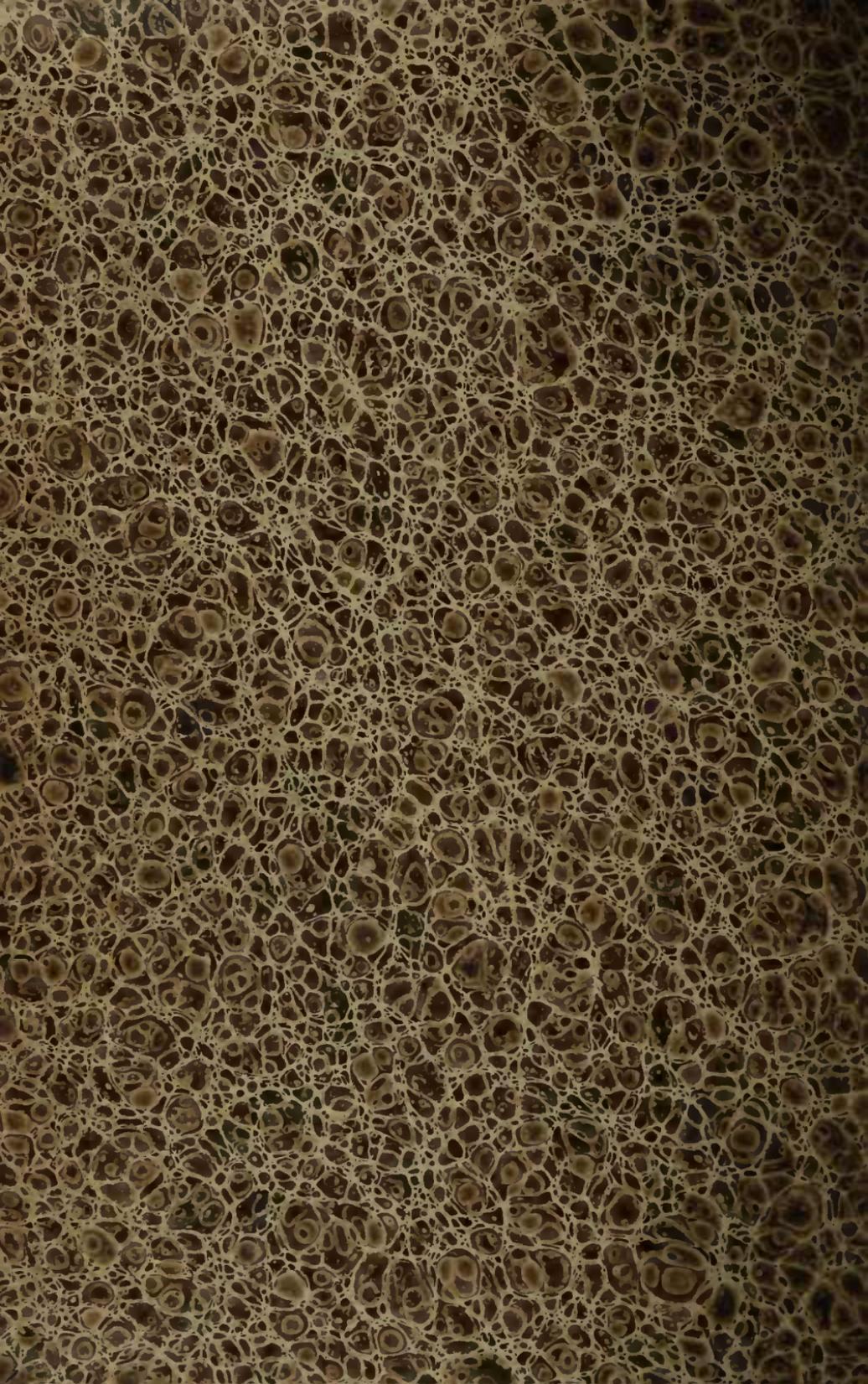
	PAG.
XXIII. Já Meianoite	75
XXIV. A Felicidade do Amor	77
XXV. A Minha Gloria	81
XXVI. O Anjo	83
XXVII. O Retrato	87
XXVIII. Quanto póde Amor	89
XXIX. A Razão e o Coração	91
XXX. A Gratidão dos Poetas	93
XXXI. A Harpa	97
XXXII. O Juramento	101
XXXIII. O Beijo d'Alma	109
XXXIV. Como eu cantava	113
XXXV. Para quem só canto	115
XXXVI. O Cavalleiro e o Trovador	117
XXXVII. A Flor despresada	123
XXXVIII. O Passarinho fugido	125
XXXIX. O Amor-perfeito	129
XL. A Raridade da Belleza	131
XLI. O Canto do Sabiá	135
XLII. O Cravo e a Rosa	137
XLIII. A Chuva	140
XLIV. O Caçador	141
XLV. O Dia perdido	145
XLVI. A Inquietação	147
XLVII. Queixas	150
XLVIII. A Estrella Venus	153
XLIX. A Aurora	155
L. A Flor saudade	157

	PAG.
LI. A Folha perdida	159
LII. O que é Amor?	161
LIII. Estudo do Amor	165
LIV. O Desenfado	169
LV. O Rei e o Poeta	171
LVI. A Mudança	175
LVII. A Noite de S. João	179
LVIII. O Avarento	183
LIX. O Poder Humano	191
LX. O Dia feliz	195
LXI. As Amadas de Anacreonte	197
LXII. A Rosa	199
LXIII. A Noite Tempestuosa	201
LXIV. Eu a Vejo	205
LXV. A Ausencia	209
LXVI. O Sonho	213
LXVII. A Tristeza	215
LXVIII. A Resignação	217
LXIX. Preces	221
LXX. A Belleza d'Alma	223
LXXI. Ella e só Ella	225
LXXII. O Que Eu sou	227
LXXIII. A Grande Sciencia	231
LXXIV. Não me illudo	235
LXXV. A Esposa Infeliz	239
LXXVI. O Traidor	245
LXXVII. A Consolação	249
LXXVIII. O Jasmim	251

	PAG.
LXXIX. O Botão de Rosa	253
LXXX. O Ramalhete	255
LXXXI. Os olhos de Urania	257
LXXXII. O Baile	259
LXXXIII. A Suspeita	261
LXXXIV. O que faço	265
LXXXV. O Passado	267
LXXXVI. As Laranjeiras	271
LXXXVII. A Borboleta	279
LXXXVIII. Um Adeos	283
LXXXIX. A Medalha	286
XC. A Esperança	288
XCI. A Ilusão	292
XCII. Ninguém	295
XCIII. Estudo da Natureza	299
XCIV. A Sciencia e o Amor	303
XCV. Sou Amado	315
XCVI. Cantico do Esposo	319
XCVII. A Exultação	329
XCVIII. A Primavera e o Amor	332
XCIX. A Ventura	335
C. Adeos á Lyra	337



ISL







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).